

ISSN 2358-3320



A ENTRONIZAÇÃO DO ALÁÀÀFIN E SUA CONSERVAÇÃO: A RAIZ RELIGIOSA KANBINA, NA RELIGIÃO BATUQUE NÀGÓ DO RIO GRANDE DO SUL.

Quarta publicação, fevereiro de 2016
(Revisado com acréscimos)

Fevereiro

Redação



Erick Wolff∞
Editor - Diretor



Dr. Roberto Tamelini Jr.
Jurídico

Conselho Editorial

ISSN 2358-3320

Nesta edição, a Revista *Olórun* republica o texto "A Entronização do *Aláààfin* e sua conservação", que procura fazer um paralelo entre a raiz religiosa *Kanbina,* na Religião Batuque do R.S., e as suas possíveis origens no *Alafinato Yorùbá*, e sobrevivências no culto afro religioso gaúcho, mostrando que esta raiz é um culto nagô e não banto, cuja similaridade com o território banto Cabinda, região de Angola, é apenas o nome *Kanbina*.

Neste texto revisado e aumentando, foi possível coletar depoimentos e registros que revelam riqueza dos fatos, espero que todos possam ler e apreciar este rico trabalho.



Boa leitura.

ÍNDICE



A ENTRONIZAÇÃO DO *ALÁÀÀFIN* E SUA CONSERVAÇÃO: A RAIZ RELIGIOSA *KANBINA*, NA RELIGIÃO BATUQUE *NÀGÓ* DO RIO GRANDE DO SUL.

Erick Wolff

julho de 2011

Quarta publicação, fevereiro de 2016

(Revisado com acréscimos)



A entronização do *Aláàáfin* e sua conservação: a raiz *Kanbina* do R.S. - Erick wolff¤

O propósito deste texto é fazer um paralelo entre a raiz religiosa *Kanbina,* na Religião Batuque do R.S., e as suas possíveis origens no *Alafinato Yorùbá*, e sobrevivências no culto afro religioso gaúcho, mostrando que esta raiz é um culto nagô e não banto, cuja similaridade com o território banto Cabinda, região de Angola, é apenas o nome *Kanbina*.

PALAVRAS CHAVES: *Kanbina, Aláàáfin, Kamuka, Batuque, Orixás*



ORÍKÌ KAMUKA [1]

S̲àngó Kamuka, Kabiyèsílé!
Igba ákàs̲ù ló fi ké̲fò̲ó̲
Ó̲ je̲ agbada gbùgbùrù èjìláá
Alànà tóóró kan ayé ati k'ò̲run,
O̲ló̲lo̲ tí nfe̲nu ikà lo̲le̲
O̲ba tí wo̲n 'kú lós̲é
S̲àngó a b'egun jijàdù e̲kú
Kòtò ré o, bàbá mi Kamuka má wo̲ bè̲ o
Kamuka mbe̲ n'ilé wa.

[1] *Oríkì Kamuka* – uma coletânea de louvações por nós idealizada para louvar ao Rei desta raiz.

Interpretação:

Saúdo Xangô Camucá, sua majestade!
Que come duzentos amalá com verdura
Aquele que come doze potes de pipocas
Que abre um caminho entre o céu e a terra
Que esfrega a boca dos maldosos no chão
O rei que espanta a morte com seu oxê
Xangô luta com êgum pela posse do éku.
Olha o buraco, meu pai Camucá, não entre aí.
Camucá existe na nossa casa.



"No Brasil, a expressão 'nação *Kétu*' indica uma modalidade de candomblé, e não o reino ioruba de *Kétu*. " (José Beniste, *Orun-Ayé*, pg. 116)

"Uma nação afro-brasileira não é uma nação africana, ainda que possa ter um nome africano, e mesmo que não tenha, não deixa de ser uma nação afro-brasileira legítima. " (Luiz L. Marins)

"Nação - substantivo feminino. Conjunto de indivíduos habituados aos mesmos usos, costumes e língua. Estado que se governa por leis próprias. Casta, raça. Naturalidade, pátria. " (http://www.priberam.pt)

INTRODUÇÃO [2]:

Este trabalho tem a intenção de mostrar que a tradição afro-brasileira *Kanbina* não tem origem na cultura *Banto*, mas antes, conservou tradições do antigo reino africano de *Ọ̀yọ́*[3] (Nigéria).

Cabe esclarecer que as nações ou raízes afrodescendentes foram criadas e formadas no Brasil. Nenhuma nação afro-brasileira é uma nação africana pura, nenhuma, sem exceção. Os africanos que aportaram no Brasil criaram novas religiões e raízes influenciadas pela Matriz Africana, mas não são a matriz africana. Apesar de muitas afirmarem terem sido fundadas por um ancestral mítico africano, nada verdadeiramente pode ser cientificamente comprovado.

2 Agradecemos a Luiz L. Marins, irmão de religião, por muito pacientemente ter colaborado na elaboração deste texto, com seu trabalho de leitura, críticas e sugestões. É autor do Livro *Ọbàtálá* e a Criação do Mundo Ioruba.

3. Assim, não justifica afirmar que a raiz religiosa *Kanbina* deve adotar fundamentos da raiz *Ọ̀yọ́*, do Batuque do R.S. A raiz *Ọ̀yọ́* do Batuque R.S. não representa a nação *Ọ̀yọ́* da Nigéria, ainda que tenha o mesmo nome.

Vivaldo Costa Lima, antropólogo e professor da Universidade Federal da Bahia, Ogã do Ilê Axé Opo Afonja, no texto "O Conceito de Nação nos Candomblés da Bahia", *Afro-Ásia n. 12, 1976, p. 65*, ao referir-se à Mãe Aninha, fundadora do Afonja, mostra-nos satisfatoriamente a diferença que existe entre uma nação religiosa afro-brasileira, e uma nação política africana, ainda que tenham os mesmos nomes:

> [...] ialorixá Aninha, poder afirmar com orgulho: "Minha seita nagô é puro". E dizia isto no sentido de que a nação de sua seita, de seu terreiro, e quem eram padrões religiosos em que ela, desde menina, se formara, era nagô. Porque, no caso de Aninha, ela mesma era e sabia, etnicamente, descendente de africanos gruncis, um povo que ainda hoje habita as savanas do note de Gana e ao sul do Alto-Volta e que nenhuma relação étnica ou histórica mantinha com iorubas até o tráfico negreiro [...]

> [...] A nação, portanto, dos antigos africanos na Bahia foi aos poucos perdendo sua conotação política para se transformar num conceito quase exclusivamente teológico. Nação passou a ser, desse modo, o padrão

> ideológico e ritual dos terreiros de candomblé da Bahia estes sim, fundados por africanos angolas, congos, jejes, nagôs, sacerdotes iniciados de seus antigos cultos, que souberam dar aos grupos que formaram a norma dos ritos e o corpo doutrinário que se vêm transmitindo através os tempos e a mudança nos tempos. ”

Vivaldo mostra que uma nação afro-religiosa brasileira, apesar do nome similar a uma nação africana, ela **é brasileira** e não africana, como muitos se autoproclamam.

Nesta linha de raciocínio que um ancestral africano para uma nação afro-brasileira não poderá cientificamente ser comprovada, Prandi (2000, p. 56) mostra-nos um dos motivos desta impossibilidade:

> “"Durante todo o tráfico, por interesse comercial, preservou-se alguma informação sobre a origem étnica do africano, mas, na documentação oficial, a identidade da origem podia simplesmente estar referida ao porto de embarque [...] a necessidade de manter portos de embarque afastados, para

> driblar a vigilância [da Inglaterra] quando o tráfico [de escravos] começou a ficar ilegal, primeiro em certos segmentos da costa africana, mais tarde em todo o litoral [...] complicava a identificação do escravo, pois sua origem através do porto de embarque podia não mais corresponder a sua origem verdadeira."

Partindo desta premissa, analisaremos os fatores que envolvem Waldemar *Kamuka*, o *Olùpilèsè*[4] da raiz *Kanbina*, que nasceu em solo brasileiro e foi iniciado no Batuque de seu tempo.

Por motivo que se desconhece devido à falta de registros, Waldemar *Kamuka*, a partir das outras raízes do Batuque, ressignificou fundamentos, reorganizou os ritos, e deu origem à *Kanbina*, uma nova tradição para a época.

[4] *Olùpilèsè* - Fundador

Curiosamente, este é o diferencial da raiz *Kanbina*: não há dúvidas quanto à existência do seu fundador.

Isto não significa que a tradição *Kanbina* do Batuque do R.S. deva adotar fundamentos de outra raiz. Não, ela deve manter-se alinhada à sua tradição da forma como nasceu das mãos de Waldemar de *Ṣàngó Kamuka*, com seu próprio ritual, tradição e fundamento.

As divindades cultuadas na *Kanbina* não são *nKisse*. Elas não são divindades bantas cultuados com nomes das divindades *Yorùbá*, como os adeptos desta tradição pensaram por anos. Nunca existiu no Batuque uma nação verdadeiramente banta.

As atuais raízes *Òyọ́*, *Jeje* e *Ijeṣa* se baseiam numa mesma liturgia com poucas diferenças, contendo todas o mesmo panteão religioso, usando as mesmas cantigas, rituais e iniciações, de forma que as diferenças são poucas.

Tal similaridade nos induz a abrirmos a possibilidade de considerar o próprio batuque como uma nação afro-gaúcha, formado por raízes semelhantes, talvez todas com origem a partir de uma mesma matriz africana.

Utilizando-se de fontes nacionais e estrangeiras, inclusive internet, busca-se neste texto uma possível origem da raiz religiosa *Kanbina*, ainda que não seja conclusivo.

Sugerimos que leiam sem preconceito, com a mente aberta às possibilidades que apresentaremos, visando um melhor entendimento do Batuque.

OS *YORÙBÁ*

A origem da Nação *Yorùbá* está envolvida em mistérios e segredos, como a maioria das culturas ágrafas. Não trataremos neste trabalho sobre a pré-civilização de *Ifẹ̀* [5], sobre os *Yorùbá* (Elbein dos Santos 1976, p. 29) informa que "esta pré-civilização não pode ser chamada exatamente de *Yorùbá*, visto que a nação *Yorùbá* só veio a

[5] *Ifẹ̀* – Cidade da Nigéria a nordeste de *Ibadan*, considerada o centro cultural do povo *Yorubá* (Beniste)

existir com a conquista de *Ilè-Ife* por *Odùduwà*, que unificou os grupos antigos numa só nação. "

Sobre o uso da palavra *Yorùbá*, Juana (1976, p. 29, nt. 7) esclarece a seguir que:

> [...] "O termo *Yorùbá* é de uso relativamente recente, no Brasil, sendo os eruditos que os descobriram nos textos estrangeiros e o fizeram conhecido. " Não é utilizado pela população" [...] parece que mesmo na África Ocidental o termo *Yorùbá*, em sua conotação coletiva, não é muito antigo. N. A. Fadipe (1970: 30) concluiu que "a etiqueta *Yorùbá*, designando um grupo étnico, não deve ter estado há muito tempo em voga antes de 1856".
>
> "Até hoje, as pessoas têm tendência a distinguir seus próprios grupos locais daqueles que eles chamam coletivamente de *Yorùbá*". [...] parece que, em sua origem, o nome *Yorùbá* era aplicado unicamente aos *Yorùbá* de *Òyó*, que ainda são chamados, hoje em dia, de *Yorùbá* propriamente ditos. Para

> uma discussão mais completa desta questão ver *Claperton* (1829), Rev. *Koelle* (1963: 5), Dos Santos (1967: 14 e nota 38), *Fadipe* (1970, cap. 2) "

Os *Yorùbá* têm em *Ọbàtálá* seu principal e maior *Òrìṣà*. Foi encarregado da criação do mundo por *Olódùmare* (Marins, 2013). É cultuado no Batuque como *Òòṣàálá* (Oxalá). Verger informa ser ele a primeira divindade criada por *Olọ́run*:

> [...] *Òrìṣà-Nlá* ou *Ọbàtálá*, "O Grande *Òrìṣà*" ou "O Rei dos Pano Branco" ocupa uma posição única e incontestável como o mais importante orixá e o mais elevado dos deuses iorubas. Foi o primeiro ser criado por *Olódùmarè*, o Deus Supremo. É também chamado *Òrìṣà*, ou *Ọbá-Igbò* ou *Òrìṣà-Igbò*
>
> A coroa de *Òrìṣànlá-Ọbá-Igbò teria sido conservada até hoje no palácio de Ọ́ọ́ni, Rei de Ifẹ̀*. Esta coroa, chamada *aré*, é elemento essencial na cerimônia de entronização de um novo *Ọ́ọ́ni*. Este, antes da sua coroação, deve dirigir ao templo de *Òrìṣànlá*

> Os sacerdotes de *Òrìṣànlá* desempenham um papel importante nessas ocasiões [pois] participam de certos ritos durante os quais eles próprios colocam a coroa na cabeça do novo soberano de *Ifẹ̀*
>
> Além disso, *Ọ́ọ̀ni* deve enviar todos os anos seu representante a *Idẹta-Oko*, onde residiu *Òrìṣànlá*. O representante deve levar oferendas, recebendo as instruções e as bênçãos de *Òrìṣànlá*. [...]. (Verger, apud Marins, 2013, p. 16)

Este texto mostra a importância de *Ọbàtálá* na cultura *Yorùbá*. Da mesma forma e com o mesmo poder ele é cultuado em quase todas as nações afro-brasileiras, incluindo a *Kanbina*.



Cabe lembrar que, entretanto, que *Ọbàtálá* não é cultuado nas nações banto, pois estas nações cultuam o *nKisse Lemba*[6], que apesar de carregar o branco, a origem desta divindade é totalmente diferente de *Ọbàtálá*. Só isto já é o primeiro indício que a nação *Kanbina* é uma raiz nagô, e não banto.

Importante falar também sobre *Odùduwà,* o Patriarca *Yorùbá*, escreve *Johnson* (1973, p. 03-14):

> [...] O príncipe herdeiro *Odùduwà,* recaíra em idolatria durante o reinado do seu pai, e como ele possuía grande influência, muitos foram influenciados depois dele. Seu propósito era transformar a religião do Estado no paganismo, e, portanto, ele converteu a grande mesquita da cidade em um templo de ídolos, e isso *Asara*, o seu sacerdote, que o servia, era um produtor de imagens, repleto de ídolos.

[6] *Lembá/Nlemba/Nlemba dia Nganga* - Divindade da ancestralidade, da procriação, da clareza, inteligência humana e patrono dos casamentos. É cultuado tanto entre os *Tchokwe, Cabindas, Maiacas*, entre outros, variando a sua sexualidade, mas atuando nos mesmos campos. (Erick Munhoz)

Com a morte do rei *Lamurudu*, todos os seus filhos com aqueles que simpatizavam com eles foram expulsos da cidade. Dos Príncipes que se tornaram Reis de *Gogobiri* e do *Kukawa* foram para o oeste e *Odùduwà,* para o leste. Este último viajou 90 dias a partir de Meca, e depois viajar muito, finalmente estabeleceu-se em *Ilè̠-Ifè̠* onde se reuniu com *Agbò-niregun* (ou *Setilu*[7]) o fundador da adoração à *Ifá*.

Odùduwà, e seus filhos haviam escapado com dois ídolos para *Ilè̠-Ifè̠*. *Sahibu* foi enviado com um exército para destruir ou reduzi-los, e subjugando-os foi derrotado, e entre o espólio garantido pelos vencedores havia uma cópia do Alcorão. Este foi depois preservado em um templo e não foi apenas venerado por sucessivas gerações como uma relíquia sagrada, mas é ainda adorado até hoje sob o nome de *Idi*, significando possuir algo preso.

[7] *Setilu* - foi um grande sacerdote da época *Odùduwà* quem iniciou e ensinou os segredos dos *Odù*, iniciando grandes sacerdotes na cultura de *Ifá*, dando a origem ao cargo de *Bàbáláwo* (pai, senhor dos mistérios). (Blog Ilê Axé Nagô Kóbi)

Odùduwà, e seus filhos criaram um ódio mortal dos muçulmanos do seu país, e estavam determinados a vingar-se deles, mas ele morreu em *Ilẹ̀-Ifẹ̀* antes que ele fosse poderoso o suficiente para marchar e contra-atacá-los. ***Ọkànbi*, seu filho mais velho,** comumente chamado *Idekoseroake*, também morreu lá, deixando atrás de si sete príncipes e princesas que mais tarde se tornaram famosos.

A partir deles surgiram as diversas tribos da nação *Yorùbá* Seu primogênito era uma princesa que era casada com um sacerdote, e se tornou a mãe do famoso *Olowu*, o ancestral do *Owus*. A segunda filha foi também uma princesa que se tornou a mãe do *Alaketo*, o progenitor do povo *Ketu*. O terceiro, um príncipe, tornou-se rei do povo de *Benin*. A quarta, a *Orangun*, se tornou rei de *Ila*, o quinto, o *Onisabe*, ou o rei do Sabes, o sexto, *Olupòpo*, ou rei dos *Popos*, o sétimo nascido e último, *Oranyan*, que era o progenitor dos *Yorùbá* propriamente dito, como são mais conhecidos os *Ọ̀yọ́*. [...] (o grifo é nosso)

Como vimos, *Okànbi* é historicamente citado, ainda que sem mensuração, como o filho primogênito de *Odùduwà,* sendo que a palavra *Yorùbá* para primogênito é, à*kóbí,* um adjetivo que significa "primeiro filho". Foi dito acima, que *Oraniyan* era o neto caçula de *Odùduwà*, e que houve grande destaque de sua pessoa, tornando-se o mais rico e de renome de todos os outros. *Oranyan* herdaria terras, segundo a tradição oral, daí o ditado "*Alâfin I'oni ilè*" (o *Alâfin* é o senhor da terra).

Como isso aconteceu, é assim narrado por Jonhson (1973. p. 41-46):

> [...] com a morte do Rei, seu avô, sua propriedade foi desigualmente dividida entre seus filhos. O Rei de Benin herdou seu dinheiro (que consistia em búzios), o *Orangun* de *Ila* suas esposas, o Rei do *Sabe* seu gado, o *Olupòpo* as contas do *Olowu* e as vestes, e o *Alaketu* as coroas, e nada foi deixado para *Oranyan*, apenas a terra.

Alguns afirmam que ele estava ausente em uma expedição de guerra quando a partilha foi feita, e assim ele foi excluído de todos os bens móveis. *Oranyan* foi, no entanto, satisfeito com a sua parte, que ele procedeu imediatamente a tomar melhor conta com a habilidade máxima.

Ele segurou seus irmãos como inquilinos que viviam na terra que era sua, das rendas que recebeu dinheiro, mulheres, gado, pérolas, vestidos, e coroas, que eram as partes dos seus irmãos, como todos estes eram mais ou menos dependentes do solo, e foi decorrente a sustentá-lo.

E ele foi o escolhido para suceder o pai como Rei, em linha direta de sucessão. Para seus irmãos foram atribuídos a várias províncias sobre as quais eles governavam mais ou menos independente, desta forma *Oranyan* se viu sendo entronado [...]

A ENTRONIZAÇÃO DO *ALÁÀÀFIN*



Sua Majestade o *Aláààfin* de *Ọ̀yọ́*

IKU BABA YEYE
Oba Lamidi Olayiwola Adeyemi III

Coleção do Palácio Real no Palácio Real de *Ọ̀yọ́*, Nigéria.

Tela SM. O *Aláààfin* de *Ọ̀yọ́*, maio de 1978

Artista: John Howard Sanden

Figura 01. Gentilmente fornecida por Dra. Paula Gomes
Paula Gomes Cultural Foundation

Devido à riqueza de detalhes, optamos por fazer a seguir uma longa transcrição do livro *The History of the Yoruba*, de Samuel Jonhson (1973, p. 41-46), sobre o *Aláààfin* e o ritual de Entronização:

O *Aláààfin de Òyó*

[...] O *Aláààfin* é o líder supremo de todos os reis e príncipes da nação *Yorùbá*, pois ele é o descendente de linhagem direto, e sucessor do fundador da renomada nação. A sucessão referida acima é feita por eleições entre os membros da família real, por um lado é considerado como o mais digno, sendo levado em consideração ser o mais próximo ao trono. Pode ser mencionado também através dos sentimentos e aceitação dos habitantes do harém para o rei eleito, que são muitas vezes apurados em segredo.



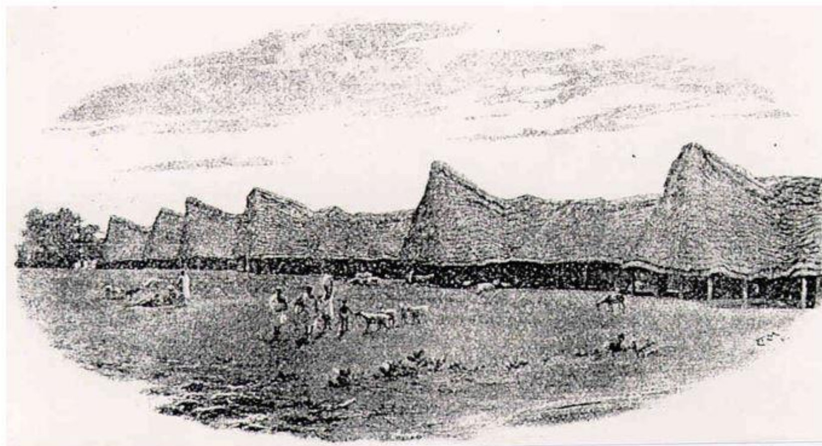


Figura 02 - Imagem do palácio do *Aláàfin* em 1900, Fonte – Dra. Paula Gomes - Idem

Nos primeiros dias, o filho mais velho, naturalmente, sucede ao pai, e, a fim de ser orientada em todas as tarefas da realeza que deverá um dia lhe incumbir, ela foi frequentemente associada, mais ou menos com as realizações de deveres extraordinários do seu pai, e, então, muitas vezes aprimorando as suas funções, assim, gradualmente, ele praticamente reinará como o seu pai sob o título de *Aremo* (o apropriado herdeiro) tendo sua própria residência oficial perto do Palácio; no entanto como ele poderia se tornar um corrupto, sendo que o *Aremo* muitas vezes exercia influência tão grande como ou mais do que o próprio rei, especialmente no decorrer de um longo reinado, chegando à velhice influenciar na saúde do monarca. Eles tinham iguais poderes de vida ou morte sobre os súditos do rei, e há alguns casos registrados do *Aremo* sendo fortemente suspeito de assassinato do próprio pai, para assumir o trono de uma vez.

Foi, portanto, feita uma lei na Constituição que, como o *Aremo* reinava ao lado do seu pai ele deveria também morrer com o rei. Essa lei surtiu efeito, ao menos para amenizar as possibilidades de homicídios, que vigorou até o

século passado, quando (em 1858) foi revogada pelo *Atiba* um dos reis que antecedeu a favor do seu *Aremo Adelu*. O *Aremo* poderá agora ter êxito se considerado digno, mas deve ser eleito da maneira tradicional, porém, se for rejeitado pelo regente deve sair da cidade, ou ir para reclusão numa residência privada nas províncias. Isto, entretanto, não é realmente obrigatório, mas como ele deve ser substituído no seu cargo, esse caminho é inevitável, a menos que ele escolha por vontade própria morrer com o pai.

A escolha pode, por vezes, recair sobre um dos primeiros príncipes mais pobres, em busca de tranquilidade para o seu reinado, sem qualquer vocação para o trono, tal escolha supressa é feita para inutilizar um possível candidato. Ele pode não estar ciente das intenções do *Mesi Òyó* até que seja advertido por eles como para as funções e responsabilidades da alta posição, que ele em breve preencherá.

Os nomeadores são três membros titulares da família real, a *Ọna-Iṣokùn*, a *Ọna-Aka*, e o *Ọmọ-Ọla*, tios ou primos do rei, mas, geralmente, intitulados "parentes do Rei". Estes têm de apresentar ou sugerir os nomes para os nobres para eleição, mas a voz do *Baṣọrun* é primordial para aceitar ou rejeitar.

Cerimônias curiosas e elaboradas precedem adesão propriamente dita ao trono. Após todos os preparativos tenham sido efetuados, as cerimónias começam por um sacrifício interposto da casa da *Ọna-Iṣokun* por um conjunto de homens chamados *Ọmọ-ni-nari*, estes pertencem a uma família de especial importância na realização de todos os deveres e serviços relacionados com as oferendas dos sacrifícios, e de esperar o Rei e os sacerdotes. Assim que entram na casa em que o rei será eleito, ele é chamado para fora, e ele tem que se levantar com um assistente ao seu lado. Ele é tocado no peito, e no ombro direito e esquerdo com a bacia do sacrifício, o auxiliar nesse meio tempo profere algumas palavras. Esse é o sinal que ele foi chamado ao trono. Na noite do mesmo dia, ele é conduzido

silenciosamente para a casa do *Ọna-Iṣokùn* onde passará a primeira noite, a fim de evitar a multidão, e a atenção do público, que geralmente é desviado por uma procissão dos escravos do rei e outros com muito barulho e festa, como uma escolta, enquanto o rei eleito é acompanhado pelo *Arẹgbẹ'Idi*, um intitulado eunuco, e alguns dos *Ọmọ-ni-nari* chegam calmamente ao longo de um caminho.

Na casa da *Ọna-Iṣokùn*, ele é recepcionado exclusivamente pelo *Ọmọni-nari*. Ele é advertido e assessorado por aqueles que o receberão no lugar de seu pai, neste momento, algumas cerimônias de purificação já foram executadas, sacrifícios propiciatórios são novamente oferecidos, desta vez, são realizadas em vários lugares da cidade pela *Ọmọ-ni-nari*.

Na noite seguinte, ele passa na casa[8] do *Ọtun-Iwẹfa* (o próximo na Posição para o chefe dos eunucos). Este oficial é um sacerdote de *Ṣàngó*, é provável

[8] A tradição diz que nos primeiros dias, enquanto o rei eleito está na casa do *Otun'efa* é servido entre os pratos para que ele partilhe, um será preparado a partir do coração do falecido rei que foi extraído e secretamente.

de que o rei eleito passe a noite com ele a fim de ser iniciado na arte sacerdotal do seu oficio, o *Aláààfin* terá o máximo de iniciações, assim como o secular trabalho a executar, sendo ao Rei e Sacerdote o mesmo para o seu povo, e, provavelmente, "aprenderá ali também usos e feitos da imensa população no recinto do interno do palácio com a qual os eunucos são bastante familiarizados". Depois disso, ele é conduzido a uma das câmaras no pátio externo do palácio (*Ọmọ ile*) onde reside durante três meses, o período de luto, até a sua coroação.

A passagem principal ao palácio será fechada com o falecimento do Rei, uma nova abertura privada é feita para ele na parede externa através da qual ele entra e sai da sua residência temporária. Durante esse tempo ele permanece rigorosamente no aprendizado, secreto e praticando o estilo e comportamento de um Rei, e os detalhes dos deveres e funções importantes de seu reinado. Durante este período ele se vestirá de preto, e tem o direito

Após participar disso é dito, que ele "comeu o Rei". Daí a origem da palavra *Je Oba*, para se tornar um rei (ht. para comer um Rei). (Jonhson, 1973, p. 41-43).

de usar uma "touca de chef" chamado "*Ori-kò-Gbe-ofo*". (A cabeça não pode ficar a descoberto). Os assuntos de Estado neste momento são conduzidos pelo *Basorun*.

A Coroação de um *Aláààfin*

A coroação acontece no final de três meses, geralmente na terceira aparição da lua nova após a morte do falecido Rei. A data é geralmente fixada de forma a tê-la se possível antes do próximo grande festival. É entendido como um grande festival público. É um dia de gala na qual toda a cidade aparece vestida com roupas de festa. Visitantes das províncias e representantes de Estados vizinhos, também se dirigem para a cidade em grande número. Este dia é geralmente conhecido como "A visita do rei à *Barà*".[9] É o primeiro ato, e a mais importante das cerimônias.

[9] Nota nossa. Não confundir com *Bara*, a divindade *Ẹ̀ṣù*.

O *Barà,* ou mausoléu real é um edifício consagrado nos arredores da cidade, sob os cuidados de uma sacerdotisa de nome *Ìyámode*, onde os reis que foram coroados formalmente, e não sepultado. O Rei entra, apenas uma vez na sua vida, e que é na coroação com a pompa da cerimônia marcada. A coroação real não acontecerá no *Barà* como parece que irá acontecer, mas no *Koso* santuário de *Ṣàngó*, porém a visita ao *Barà* é tão importante quanto indispensável, uma preliminar que se tornou mais estreitamente identificado com a coroação do que para os outros santuários visitados na ocasião.

Deixando a *Ipadi* - suas câmaras temporárias - são duas estações em que os Reis eleitos terão que parar antes de atingir o edifício sagrado, o primeiro é o *Abálá* ou área em frente ao palácio onde uma barraca de lindas roupas foi erguida para ele. Aqui ele tem que mudar sua roupa de luto por um manto principesco. Ele, então, procede à segunda estação em meio a *Alapini* sobre sua rota onde uma grande tenda e um gabinete foram erguidos para sua recepção. Aqui, ele é aguardado por uma grande multidão que o saúda com aplausos. Neste local ele recebe os comprimentos e homenagem dos

príncipes, os nobres, os chefes e o povo, e é aclamado como o rei. Algumas cerimônias que se passam também incluem distribuição de nozes de cola, etc..., para os príncipes e chefes.

Depois disso, ele prossegue para o *Barà* acompanhado por toda a multidão de pessoas que terão de ficar do lado de fora. Ele entra nos recintos sagrados com a presença do *Magaji Iyajin* (seu irmão mais velho) as princesas, a *Ona-Onse-awo* (um funcionário), o *Otun-wefa* (ao lado do chefe dos eunucos), que é um sacerdote e o *Omo-ni-nari*, um conjunto de servos. Estes últimos são para o abate e a pele dos animais a serem oferecidos em sacrifício. "

No *Barà* ele faz preces diante dos túmulos de seus antepassados, um cavalo, uma vaca e um carneiro serão oferecidos para cada túmulo, porções são enviados fora a cada um dos nobres, príncipes e chefes que estão esperando lá fora, o *Basorun* recebe primeiro a melhor das partes. Ele invoca as bênçãos e proteção de seus antepassados mortos e é instituído confirmando

para receber autoridade para usar a coroa. A visita ao *Barà* então, é, com a finalidade de receber autoridade ou a permissão dos seus antepassados falecidos para usar a coroa, pelo que é dito como coroação. Existe uma regra fixa que toda a carne é para ser totalmente consumida no *Barà,* sob nenhuma circunstância nenhuma deve ser levada para casa. Sobre isso, o Rei retornará, portanto, com grande pompa para os seus aposentos temporários, em meio ao disparo de *feu de joie*, sob o balir da trombeta *Kakaki*, tambores, etc.

No quinto dia após isso, ele passa a *Koso*, o santuário de *Ṣàngó*, para a coroação real. Aqui ele é recebido pela *Otun-wefa* que tem a seu cargo o santuário, o *Bale* (prefeito) de *Koso* uma vila suburbana, o *Omo-ni-naris*, e os *Isonas* [O *Isonas* são um corpo de homens cujo único emprego é fazer todas as agulhas e trabalho bordado para a realeza. Eles também são os confeccionadores de guarda-chuva. A coroa, pessoal, roupas, e todos ornamentais trabalhos manuais e funcionamento em algodão, seda ou couro são executados por eles]. Rodeado pelos principais eunucos e os príncipes

a grande coroa é colocada em sua cabeça com muita cerimônia pela *Iyàkere*, quem é *Iyàkere*, para quem está reservada a mais importante função será visto abaixo. As vestes reais são colocadas sobre ele, o *Ejigba* em volta do pescoço, o pessoal e a espada da misericórdia são colocados em suas mãos. [O *Ejigba* é um colar de contas caras descendo até os joelhos. Grânulos são usados para pedras preciosas. Isto representa celas, cadeias que dizem ser para os prisioneiros, por isso, eles usam várias contas.]

No quinto dia após isso, ele passa para o santuário de *Oranyan*, aqui a grande espada ou "Espada da Justiça" são trazidas de *Ilè Ife* sendo colocada em suas mãos, sem o qual ele não pode nenhuma autoridade para uma ordem de execução".





Figura 03 - Sacerdotes de *Ṣàngó*

Depois de outro intervalo de cinco dias, ele passa ao santuário de *Ògún*, o deus da guerra, então oferece um sacrifício propiciatório de um reinado pacífico. As ofertas consistem em uma vaca, um carneiro, e um cão, este último sendo indispensável em qualquer sacrifício ao deus da guerra.



Figura 04 – Templo *Koso*

Do santuário de *Ògún*, a procissão vai direto para o palácio, entrando agora pela primeira vez o portão principal é aberto para ele, abrindo passagem através da parede exterior, enquanto às temporárias câmaras vão sendo rapidamente emparedado. Assim, ele entra no palácio apropriado como o rei.



Figura 05 - Entrada principal do atual palácio do *Aláàfin*. Fonte – Dra. Paula Gomes - Idem



Figura 06 - A entrada principal do palácio, perto do portão principal, esta é a passagem para a arena do pátio.
Fonte – Dra. Paula Gomes - Idem

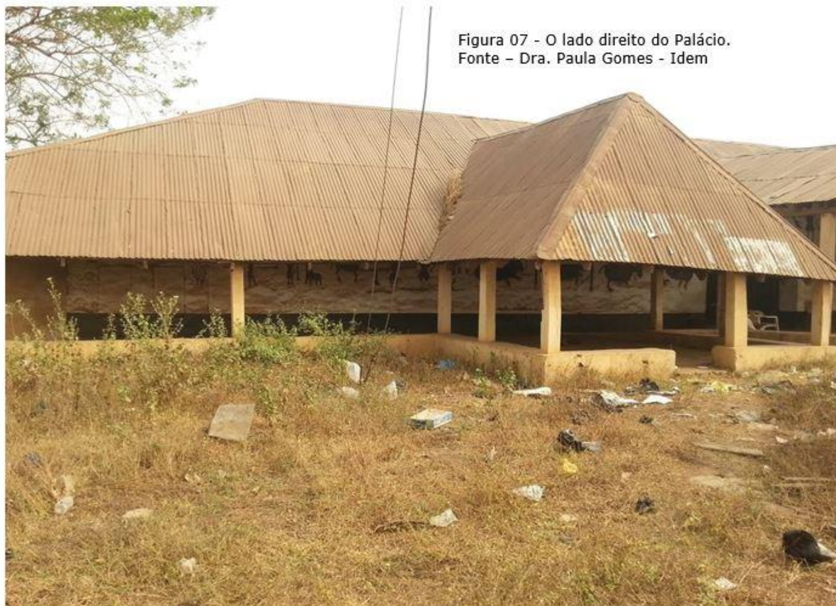


Figura 07 - O lado direito do Palácio.
Fonte – Dra. Paula Gomes - Idem

> Mas uma nova abertura é feita por ele na *Aganju Kobi*, através dela que ele entra no recinto interior do palácio. Esta entrada é para o seu uso exclusivo dentro e fora do *Kobi* durante o seu reinado: em sua morte é fechada. Nesta entrada tem que oferecer em sacrifício um caracol, uma tartaruga, um tatu, um rato de campo (*emó*) um rato grande (*okete*) um sapo, um girino, um pombo, uma galinha, um carneiro, uma vaca, um cavalo, **um homem e uma mulher, os dois últimos sendo enterrados no limiar da abertura**; no sangue das vítimas cai sobre o túmulo dos dois últimos, ele tem que caminhar para o átrio interior. (o grifo é nosso).

Sacrifícios humanos (agora totalmente abolidos), porém, não foram práticas comum entre os *Òyó*, mas tais imolações sempre foram realizadas na coroação e no enterro do soberano. Por esses sacrifícios que ele não é apenas coroado Rei, com poder sobre todos, homens e animais, mas ele também é consagrado sacerdote para a nação. Sua pessoa, portanto, se torna sagrada. Após tudo isso ser realizado, agora é anunciado formalmente ao público em geral, que o rei "A" está morto (ou melhor, ele entrou na abóbada do céu- *O wo Àja*) e o Rei "B" agora reina em seu lugar.

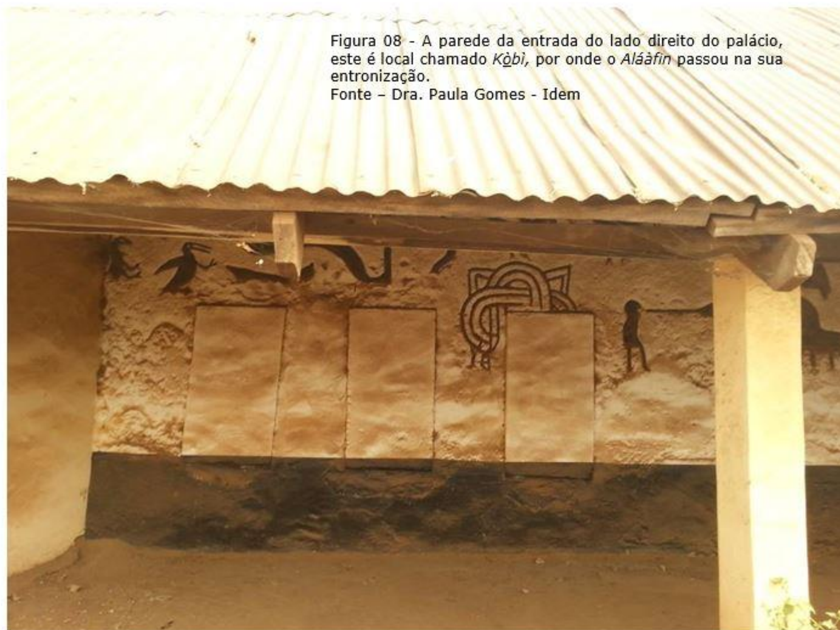


Figura 08 - A parede da entrada do lado direito do palácio, este é local chamado *Kọ̀bì*, por onde o *Aláàfin* passou na sua entronização.
Fonte – Dra. Paula Gomes - Idem



Figura 09 - Uma foto detalhada do *Kọ̀bi.*
Fonte – Dra. Paula Gomes - Idem



Figura 10 - Este é o lado interno de uma das entradas (*Kọ̀bì*), por onde o *Aláàfin* passou, depois de coroado. Sabe-se que durante a coroação o *Aláàfin* não pode entrar pela porta principal do palácio.

A parede do lado direito é quebrada, para abrir uma passagem para o *Aláàfin* poder entrar no palácio, que dá acesso ao *Kọ̀bì*, que lhe permite a entrada no palácio pela primeira vez.

Durante o intervalo da doença do falecido Rei, até o momento da sua morte, o negócio de Estado é exercido normalmente pelo palácio, o *Osi-wefa* personificando o Rei, mesmo ao ponto de colocando em seu manto e coroa, e sentado no trono quando tal for necessário, mas, logo que se saiba que ele está morto o *Basorun* assume a autoridade de chefe, ao menos uma vez, e nada pode ser feito sem ele.

Após o Rei ter sido coroado, ele passa a estar proibido de aparecer em vias públicas por vários dias, exceto nas muito especiais e extraordinárias ocasiões, ele é, no entanto, permitido passeios à noite de lua cheia, quando ele pode andar incógnito. Este isolamento não só aumenta a admiração e majestade devido a um soberano, mas também empresta poder e autoridade aos seus comandos, e é melhor o guarda seguro para a ordem pública em seu presente estágio de civilização. Além disso, seria muito inconveniente aos cidadãos que o rei esteja sempre saindo, pois de acordo o costume universal do país, sempre que um chefe está fora, todos os seus subordinados devem sair com ele. São invioláveis as leis e costumes do país,

e é aplicável a todos, seja qual for sua posição: assim, se o *Basorun* está fora, todos os *Mesi Òyó* deve sair fora também. Se o *Bale* de qualquer cidade está fora, todos os chefes da cidade devem estar fora também, e se o Rei estiver fora, toda a cidade deve estar agitada e em movimento, todos os negócios suspensos, até que ele retorna para o palácio.

Como vimos, era costume entre todas as tribos *Yorùbá* o sacrifício humano, em destaque, os *Ife*, que se excediam neste ritual, mesmo antes do reinado de *Sàngó,* sendo muito comum naqueles dias, e para ter à mão, comprarem escravos num distrito de *Ibokun*, porque possuíam o feitio mirrado e pequeno, considerados ideais para o sacrifício. Isto teria dado origem ao termo *Ijesa* (*Ije* + *Òrìsà*, o alimento para os Deuses). Estes sacrifícios humanos tinham a finalidade de pedir proteção aos antepassados e ao mesmo tempo garantir que *Eégún*[10] estaria protegendo o novo e eleito *Aláààfin*. O sacrifício humano foi extinto em meados do século XIX.



Figura 11

[10] *Eégún* – Espírito do ancestral. (Beniste)

São estas fortes ligações do *Aláààfin* com os Ancestrais (*Eégún*), que determinam a segurança do seu reinado. Em nosso caso, é o ancestral Waldemar Antônio dos Santos, fundador do culto da *Kanbina* no R.S. que nos liga à sua divindade *Ṣàngó*.

Esta será a base para o nosso estudo comparativo dos rituais de iniciação da raiz religiosa *Kanbina*, no Batuque do Rio Grande do Sul, e a iniciação e entronização do *Aláààfin*, que passa pelos rituais dos ancestrais, antes da coroação.

O BATUQUE DO R.S.

O Batuque do R.S. possui ramificações chamadas *Jeje, Ijeṣa, Ọ̀yọ́* e a *Kanbina*. Cada uma delas possui pequenos rituais e costumes que as enriquecem, porem as diferenças entre uma e outra são muito sutis para que formem nações independentes, ao mesmo tempo que não as ligue às origens na África, continuando a fazer parte do Batuque do R.S.

A *Kanbina*, de ritual *nàgó*, será o tema principal da nossa pesquisa, sendo que esta última é comumente confundida com *Cabinda*, colônia de *Angola* (*Banto*), sem que possamos encontrar elementos que façam ligação alguma.

Iniciaremos nossos estudos partindo do fundador da *Kanbina*, o Waldemar Antônio dos Santos, promovendo uma jornada de 1883, para a atualidade, destacando pontos críticos entre a estruturação e a vinculação da *Kanbina* com a cultura *Yorùbá*, e seus rituais.

Estas quatro raízes possuem liturgia, cultura, cultuando praticamente as mesmas principais divindades comum entre elas, assim como o procedimento com as ervas e comidas oferecidas são muito semelhantes entre elas, até mesmo no preparo do *omièrò* (um preparado de ervas com *omi* – água; *èrò* - calmante) e *omiàse* (um preparado de ervas de *àse* de determinadas divindades com *omi* – água) referente ao *Èjè*[11].

11 *Èje* – Sangue de animais de pena ou pelo, há necessidade dos sacrifícios serem feitos dentro do próprio templo da Religião Batuque R.S., é muito importante, pela necessidade de aproveitar tudo que a natureza fornece, usando o *Èje* como elemento conector, após o sacrifício, é costume cobrir o recipiente que o ritual procedeu com

Sabemos que as ramificações *Jeje, Ijesa, Òyó* e a *Kanbina*, do batuque do R.S., praticam o mesmo ritual e liturgia tanto no culto ao *Orí* [12], como na iniciação para *Òrìṣà*, sendo que na iniciação para as divindades seguem praticamente os mesmos processos, com poucas mudanças.

Dante de Laytano, em, *A igreja e os Orixás*, registra que nas décadas de 40/50 havia cinco raízes religiosas distintas, conceituadas na época de Nações, porém, a *Kanbina*

penas, acreditamos que as cores das penas, foram convencionadas para que pudéssemos identificar as vasilhas quando necessário, sendo que não apenas penas, e sim o *Èjẹ*, por isso, que podemos imaginar que foi mais por necessidade de identificação do que ritualística, evitando assim que fossem oferecidas aves de cores diferentes dos conceituados para determinada divindade, o que voltamos a lembrar, que não oferecemos penas e sim o *Èjẹ*.

O mesmo ocorre com os pelos dos animais de pelos, que são identificados por cores, assim cada divindade recebe um animal de uma cor, que o identifique, porém neste caso apenas a cabeça do quatro pés que fica no *Yàrá-Òrìṣà,* e a carcaça é levada para corear, e os bichos de pena depenar, para que toda a comunidade possa se alimentar, pois há todo um ritual para que a comunidade possa se alimentar durante as festas, e precisamos dos miúdos e da carne, que não deve ser comprada em mercado, pela necessidade do ritual de preparação do alimento.

Vale lembrar, que existe a diferença entre ofertar aves machos e fêmeas, onde as divindades masculinas receberão bichos macho, e *Òòṣàálá* e as divindades femininas, recebem bichos fêmeas, com exceção de alguns casos aos quais oferecerão um casal de pombos ou angolistas, para qualquer um deles.

[12] *Orí* – Cabeça, no entanto, os *Yorùbá* convencionaram que *Orí* também serviria para traduzir tudo que está ligado ao mundo espiritual, independente da cabeça física.

ainda não era mencionada, como poderão ver a seguir no texto registrado pela Comissão Gaúcha de Folclore:

> [...] NAÇÃO – O ramo ou nação do culto africano é um problema de grande importância, verificando-se, antes de mais anda, que se filia o culto negro à nação ou ramo do continente de origem**, entretanto não se pode dizer que os fiéis desse culto pertençam àquela nação ou ramo da África** [...] as populações negras não conseguiram manter-se absolutamente separadas no Brasil, isto é, o povo nação por nação e ramo por ramo. [...] foi tal o contato e mistura, tornando-se impossível estabelecer o limite de áreas que viveu cada povo da África no nosso país. (o grifo é nosso)

Atualmente, no Rio Grande do Sul, o culto africano procede de cinco nações:

- Nagô
- Gegê
- Oió
- Ijecha

- Obá
- Ijechá- Obá

Existiam em (1951) Ijecha de Yemanjá ou N. S. Dos Navegantes de suas casas 4 são gêge, 1 gêge ou nagô.

São as 4 gêges: Soc. Africana Brasileira N. S. Dos Navegantes (rua Baronesa de Grataí), Soc. Africana N. S. Dos Navegantes (rua Comendador Rheingants), Soc. Africana 8 de Dezembro (rua Otávio de Souza) e Casa 15 de março (rua de Livramento).

E Gêge ou Nagô: Soc. Beneficente Africana N. S. Dos Navegantes (rua Barbedo). Quer dizer que a casa é mesmo gêge-nagô.

É nagô: Associação Africana N. S. Dos Navegantes (rua Rodolfo Gomes).

Das do nagô, 16 apresentaram uma frequência média superior a 50, 9 com frequência média inferior a 50 e 4 com frequência média de 10 pessoas, 26 casas de madeira e 3 de alvenaria. Contando com um total de 148 filhos de santo prontos do sexo masculino e 158 do sexo feminino.

Das do ramo gêge, 14 casas apresentaram uma frequência média superior a 50, e 14 com frequência média superior a 50, 24 casas de madeira, 14 de alvenaria.

Contando com um total de 62 filhos de santos prontos de sexo masculino e 64 do sexo feminino.

Das do ramo oió, 8 casas apresentaram uma frequência superior a 50 e 7 com uma frequência média inferior a 50 pessoas, 14 casas são de madeira e 1 de alvenaria. Contam com um total de 84 filhos de santo prontos do sexo masculino e 168 do sexo feminino.

Segui à risca o que se obteve do informante em assunto de nação africana.

Registramos os gêges, os nagôs, os oiós e os ijechas de Porto Alegre que 8 casas apresentam uma média de 40 pessoas na frequência, e que todos os seus "Batuques" são casas de madeira Ijecha, que conforme a lição de Arthur Ramos, na introdução à "Antropologia Brasileira", 1 volume. As culturas não europeias, são nações africanas, nações ou grupos que estão incluídos nas áreas da cultura Sudanesas.

Mas as culturas as culturas respectivas sobreviveram ou uma dessas culturas sobrepujou às outras.

A. Ramos classifica em três padrões, como disse, as culturas negras que resistiram no Brasil.

A) Culturas Sudanesas – representadas principalmente pelos povos yoruba da Nigéria (Nago, Ijechá, Eubá ou Egbá, (Obá) Ketu, Ibadan Yebu ou Yjebu

e grupos menores); pelos Fanti-Ashanti, da Costa do Ouro (grupo Mina propriamente dito; Fanti e Ashanti); por grupos menores da Gámbia, da serra leoa, da Libéria, da Costa da Malagusta, da Costa do Marfim... (Krumano, Agni, Zema, Timini...)

B) Cultura guineano-sudaneses instaladas, representadas em primeiro lugar pelos: a) Peuhi (Fulah, Fula, etc..), b) Mandinga (Solinke, Bambara...) e, c) Haussá do norte da Nigéria; e por grupos menores como os Tapa, Bornú, Gurunsi, e outros.

C) Culturas Bantus, constituídas pelas inúmeras tribos do grupo Angola-Congolês e do grupo da Contra-Costa. "

Voltando a A. Ramos, noutra passagem de seu livro de antropologia brasileira, ao falar das culturas sudanesas e sobre quais as tribos yoruba que vieram ao Brasil, diz que "Nina Rodrigues ainda na Bahia em fins do século passado, ver negros nagôs de quase todas as pequenas nações

Yoruba. Eram ainda, na sua época, os mais numerosos e influentes naquele Estado. Os mais frequentes eram os oyó (oió), provenientes da cidade do mesmo nome do reinado do Alafin".

Temos então, que os

- Gêge
- Nagô
- Oió
- Ijecha
- "Obá"

Pertencem aos mesmo grupos culturais, com as subdivisões seguintes;

a) Cultura Daomeana e o grupo Gêge no Brasil
b) Cultura Yoruba e o grupo nagô no Brasil, incluindo-se os oió, os ijecha e os obá.

Os obás são yorubas. Há casas de nação obá em porto alegre, pois Herskovita as achou. Mais nas casas de nação gexá que o Pe. Edvino Friederichs estudou em Porto Alegre, pois ao falar no "axé", elucida que esta palavra – "axé" foi comumente usada, no Rio Grande do Sul, pelos pretos "oio-gêge-gexás". Bem, sobre "axé" já se falou, sinal de santo anunciando sua presença. Donde o "Axé" de búzios, que o iniciado já pode jogar os búzios ou "axé de faca" que o batuque está habilitado a sacrificar animais no ritual de sangue.

"Ijecha", yorubas que são sudaneses.

É a Nigéria yoruba como natureza do Sudão. No meu inquérito de 71 casas só responderam, e ao todo, quase totalizada absoluta de três se responde nações; Oió – gêge – nagô, que pertenciam à nação "Yjecha". Onde os "Oba", Obá Deusas do rio obá da cultura Yoruba? O Reino dos Yoruba? Yjecha, o mesmo que "gexá". Também é um problema a grafia, a redação desses nomes africanos, mantidos no português conforme a jometria, a prosódia, o som, a pronúncia.

O inquérito de 1951 deu este 8 "Batuques" de nação Ïjecha, que são Yorubas;

1- Sociedade Africana Beneficente Espírito Santo (1922) Santo da casa Oxalá ou Espírito Santo.

2- Sociedade Africana 16 de novembro (1935), São Jorge.

3- Sociedade Africana Beneficente 24 de Agosto (1937), São Jorge.

4-Núcleo Religioso Africano Nossa Senhora da Conceição (1942), Nossa senhora da Conceição.

5-Sociedade Africana São João Batista (1947), Xangô.

6-Sociedade Africana São Sebastiao (1948), Odé.

7-Sociedade Africana São Jerônimo (1948), São Jeronimo e Santa barbara.

8-Sociedade de religião Africana Santo Antônio (1931), Santo Antônio (Exu – bara Moço).

Outros Batuques responderam de forma pouco explicativa ou de maneira que estabelece a ideia de uma espécie de sincretismo também africano:

Batuque Gêge – Ijecha Centro de Religião Africana de Santa Barbara.
Batuque Ijecha – Gêge São Pedro.
Batuque Ijecha – Oió Sociedade Religião Africana Santo António.
Batuque Toque africano (?) – Sociedade Beneficente Recreativa 1 de maio.
Batuque Nagô – Ubanda - Sociedade Beneficente 29 de Setembro – Fundada a 29 de setembro de 1950. É a primeira que aparece como Ubanda. "

A verdade que 80% a 90% dos batuques são mesmo gêge, oió, e nagô acrescentam-se entre os 71 estes 8 yjecha ou estes 5 que diríamos "misto". Misto não é a palavra própria. Mas serve.

A verdade que estas "nações" é que ocupam o espaço espiritual africano de Porto alegre, e naturalmente do Rio Grande do Sul.

Assinalam-se as épocas diferentes dos quatro relatos, suas respectivas procedências no tempo: Herskovista (1942), Laytano (1951), Bastide (1952) e Friederichs (1958. Importante esta nota para os detalhes pormenores, etc. Revisando, retificando e corrigindo dados, creio que faria esta média de "Batuque" em Porto Alegre, guardando-se as proporções, etc: 24 de nação "nagô", 21 gêge, 13 oiós e 8 yjechás, mais 5 "variadas", num total de 71. Que hoje já cresceu a proporção deve ser outra, caso se fizesse novo exame anualmente. Mas a posição deve ser outra, caso se fizesse novo exame anualmente. Mas a posição de fato é está sob o ponto de vista das "nações". Não se alterou o quadro a não ser a maneira imperceptível, ou pouco perceptível. E os "obás"?

INTRUMENTOS – Os instrumentos empregados nas reuniões são, aqui, quatro: agê, tambor, agôgo e campainha.

Vendo através de umas seis casas, o uso dos instrumentos, temos o quadro que segue:

Localização em Porto Alegre: da rua Rodolfo Gomes; 1 tambor, 1 campainha e 1 agê. Da rua Otávio de Souza; 1 tambor, 1 campainha e 2 agês. Da rua Barbedo; tambores, agê, campainha e agôgo. Da rua Livramento; 2 tambores e 2 agês, tamanhos médios. Da rua Baronesa de Gravataí; tambor e agê. Da rua Comendador Rheigabtz: 3 tambores, 2 agês e 1 sineta.

Os informes, não tem muita unidade porque alguns não fazem referência ao número de instrumentos, há os que descrevem o tamanho e outros não e finalmente os que dão os dois nomes para a mesma coisa: sineta e campainha. O principal é assinalar o tipo de instrumento, o que se fez sem dificuldade.

APETRECHOS – Os apetrechos correspondentes a casa um dos deuses também é disposição de sentido religioso.

Todos possuem gamelas, bacias, quartinhas, vasilhas, tigelas, e etc... Mas os deuses têm de qualquer forma tratamento especial.

- Búzio, algodão, prata, bacia branca com seus pratinhos, bastão para Oxalá.
- Cachimbo, pedra, corrente, foice, canivete, para Exu.
- Cobra e corrente com acessórios: apito, canivete, etc...., espada para Ogum.
- Coroa de espinhos numa vasilha de barro, bastão, revolver, para Omulu.
- Pedra em forma de machado, uma gamela, ou pilão, balança, para Xangô.
- Pedra em forma de coração e uma vasilha de louça, pratos, para Yansan.
- Boneco de madeira, bodoque para Oxossi.
- Leque, búzio, campainha, pulseira de barro, para Nanan.
- Leque, pedras, conchas, búzio, dinheiro, tigelas, barro, para Yemanjá.
- Leque, algodão, moeda, para Oxum.
- Barro, pedra, algodão, para Oxumaré.
- Maleta, bastão, para Locô.
- Manto, capa, para Obatalá.
- Duas vistas, para Orum.
- Navalha, bastão, para Ifá.
- Livro, dois santos de madeira, para Beji.
- Corrente, capa, para Osseinha (?).

- Manto com roda, para Obá.

GRITO OU SALVA – A saudação ritual para cada um dos deuses recebe a determinado grito ou salva.

- Epa-ô ou Epa-pa-paô (Oxalá)
- Alupô ou Salupô (Exu)
- Ogunhê (Ogum)
- Abaô (Omulu)
- Caô (Xangô)
- Epa lio ou epaeiô (Yansam)
- O quê, euquê ou Oquê-bami (Oxossi)
- Ie-ieu (Nanan)
- Ô-mio, omio, odó omiu ou omio-odá (Yemanjá)
- Ie-ieu (Oxum)
- Ie-ieu (Oxumaré)
- Eu-eu (loco)

- Eê-hó, echô (Ifá)
- Etum-cao (Beji)
- Epaô (Obatala e Orum)
- Exó (Obá) [Dante, p. 50 à p. 54]

Neste texto Dante de Laytano, informa as raízes que eram conhecidas entre 1948 a 1956, no Batuque. Importante ressaltar que **nenhuma nação *Banto* foi mencionada**.

Curiosamente, até 1956, existia a "raiz Obá", em Porto Alegre, que atualmente é desconhecida pelos Afro-Gaúchos, e possivelmente seja uma corruptela de *Ègbá*, uma das sub nações *Yorùbá*.

Norton Correa (1992, p. 55) não utiliza a palavra "Cabinda", fazendo constar "*Cambini* ou *Cambina*", possivelmente o nome original que os mais antigos falavam. Observem que seus informantes não fazem nenhuma relação com a Cabinda Banto, nem sequer comentam. Confira:

Cambíni ou *Cambína*.

[...] é um lado, pelo que sei, com poucos templos, igualmente, em relação aos outros, embora em maior proporção do que o nagô. Talvez haja cerca de cinco chefes auto-denominados de *cambíni*. E mesmo assim, inserem, apenas, elementos desta origem em meio aos de jexá, que domina o ritual.

Segundo Ayrton do Xangô, quem trouxe o *cambíni* para porto Alegre, foi o ***Gululú*, um africano que morava no antigo Beco do Poço**, e falava português muito mal. Pertencem, hoje, ao *canbína* os pais-de-santo Romário do Oxalá e um filho-de-santo seu, Luiz da Oxum. Na linhagem ritual que vai deste último ao *Gululú* temos a Madalena, mãe-de-santo do Romário, e o Valdemar de Xangô, pai-de-santo desta e filho-de-santo do africano. [o grifo é nosso]

Conforme o Luiz da Oxum, a maioria dos elementos do ritual – orixás, comidas – são idênticos aos do jexá. Há algumas diferenças nos números

míticos que cada um tem: o Ogum, 5 (enquanto nas outras modalidades, 7); *Odé* 13 (e 7); *Ossãe* 11 (e 7) e *Iemanjá*, 9 (e8).

O *babaláu* Miguel do Xangô vê muitas semelhanças e poucas diferenças entre este lado e o seu, (jêje-jexá). Uma das diferenças que assinala é no culto ao Léba, um orixá que cuida nos fundos do templo. Segundo o Miguel, faz-se um buraco e ele é sentado (fixado ritualmente) num cutá (pedra sagrada) lá em baixo, sob a terra, onde recebe sacrifícios de animais. Após a matança, feita de 4 em 4 ou 7 em 7 anos, acendem-se velas e fecha-se o buraco. De minha parte, noto diferenças no ritmo e modo de bater o tambor, cujas características lembram as da capoeira da Bahia [...]

Também, a Comissão Gaúcha de Folclore, liderada por Dante por Laytano não registrou esta raiz no final dos anos 40 e 50, ainda que existisse antes, muito possivelmente, esta, só ganhou destaque e notoriedade após os anos 60.

Etnograficamente, a divulgação da raiz *Kanbina* ocorreu principalmente com o lançamento do livro de Paulo Tadeu (1983), que autodeterminou seu nome como sendo Cabinda, e com o aval de vários sacerdotes de destaque na época, determinaram de forma cabal que este seria o nome da "nação", e que seria banto, com origem em Cabinda, território de Angola, sem, entretanto, apresentar nenhuma prova que justificasse tal afirmação. Apesar disso, o conceito foi aceito sem questionamentos, mais por falta de informações, do que por comprovações. Porém, tal auto declaração parece não ter comovido a comunidade científica, pois Norton (1992), não a registra, e não faz nenhuma relação com os bantos.

Os informantes de Norton narram que a *Kanbina* era muito semelhante aos rituais *Ijesa*, no entanto, vemos que todas as raízes se assemelham, havendo diferenças muito sutis entre uma e outra.

Também Rodrigo Leistner (2014), em sua tese de doutorado, argumenta que o lado Kanbina não tem elementos bantos:

> [...] No Rio Grande do Sul, os "lados" ou "nações" existentes são o Oió e o Ijexa, de tradição Iorubá (Nagô); o Jeje, relativo às culturas base Fon, e ainda a Cabinda, que apesar de sugerir uma possível vinculação com as tradições Bantas não demonstra qualquer elemento proveniente dessa origem. [...]

O INÍCIO DO CONCEITO DE RAIZ BANTO NO BATUQUE DO R.S.

Como vimos, até agora os *Banto* não foram citados pela Comissão Gaúcha de folclore, a não ser por Paulo Tadeu que, em 1983, introduz o conceito de Nação *Cabinda* como sendo *Banto*, em seu livro "Os Fundamentos Religiosos da Nação dos Orixás", edição do autor, Porto Alegre, introduzindo assim cultura Banto entre os Batuqueiros.

O livro foi relançado em 1994, acrescido de fotos de sacerdotes, com importante acréscimo à página 33, no qual o autor tenta explicar a então (nova) nação banto Cabinda, conforme seu entendimento:

"A diferença entre *Cabinda* e *Cambinda*:

[...] Quando você, Babalorixá ou Yalorixá, se refere à Nação de Orixás Cambinda" está se referindo à DANÇA FOLCLÓRICA NA QUAL OS DANÇADORES, DE CÓCORAS, SE MOVEM AO SOM DA MÚSICA"? Ou, está se referindo àquela Nação de orixás?...

Na Nação Religiosa de *CABINDA*, há o ritual da dança (cambindas).

Dos escravos africanos que trouxeram a religião ao Brasil haviam *BANTOS* (negros cabindas, entre outros).

A Nação de *CABINDA* (*Angola*) se encontra na África, tal qual *OYÓ,* entre outras...

Havemos por bem, de, pedindo licença, chamar a atenção dos mestres de ensinamentos, seus adeptos, e, daqueles que escrevem para os meios

comunicativos para que, ao se referirem à *CABINDA* (Nação dos Orixás) ou à *CAMBINDA* (dança folclórica) o façam assegurando a diferença, sob pena de confusão daqueles que vão tomar conhecimento, e dos leigos em geral. (Pg. 33)

Há no Estado do Rio Grande do Sul (Brasil) uma arraigada mania de os religiosos, expressem "*cambinda*" quando falam naquela Nação de Orixás; *CABINDA*. Assim procedendo, estes religiosos continuarão alimentando a corruptela linguística e alterando aquele sentido.

É necessário que os nossos Mestres de Ensinamentos Religiosos atentem, com precisão, estas diferenças com vistas a colocar um ponto final nestas distorções. "

Notaremos que, foi a partir desta data e através do seu livro que o escritor Paulo Tadeu, cria o conceito Nação Cabinda *Banto*, desconsiderando a divindade *Yorùbá Ṣàngó* que Waldemar foi iniciado, porém Tadeu explicou como ele chegou a esta constatação.

Porém, tudo indica que Paulo Tadeu confunde *Kanbina* com *Cambinda*. A Cambinda trata-se de uma dança ou grupo folclórico, como podemos ver a seguir:

> *Cambindas* são grupos coreográficos existentes na Paraíba, dos quais Rodrigues de Carvalho, em 1903, dá notícia: "Os dançadores levam todo o tempo acocorados num movimento de sapo, que acompanha a música".



Figura 12

> Luís Saia, chefe da Missão de Pesquisas Folclóricas enviada em 1938 pelo Departamento de Cultura da prefeitura de SP ao Norte e Nordeste, declarou que já naquela época não se

dançavam as *cambindas*, substituída por um bailado semelhante ao maracatu pernambucano, seja, cortejo conduzindo uma boneca.

Havia outrora em Recife, PE, grupos semelhantes aos maracatus e também chamados *cambindas*, sobre os quais Guerra-Peixe colheu informações que permitem agrupá-los em três versões:

Eram 'nações' organizadas à semelhança dos Maracatus, aparecendo na ocasião do Carnaval. Isso equivaleria quase a dizer que os 'cambindas' eram os mesmos Maracatus, não obstante as possíveis variações criando diferenças entre uns e outros grupos.

Eram 'nações antigas' constituídas unicamente por 'negros africanos e seus descendentes' mais próximos. Nesta informação não houve menção à indumentária, mas esclarece que os '*Cambindas*' não saíam nos dias de Carnaval.

Explica tratar-se de grupos em que predominavam 'negras vestidas de baiana'. Participavam também mestiços e brancos — estes pintados de preto. Além de 'rei' e 'rainha', havia personagens imitando os diversos postos de uma corte real, afora uma 'quantidade de crianças' de ambos os sexos, 'de dez a doze anos', usando 'quepes e trajando paletós' enfeitados com bordados transversais no peito. Tais agrupamentos exibiam-se no Carnaval.

O "grande número de baianas" teria motivado, segundo o informante, o folguedo ser chamado 'as *Cambindas*', isto é, ser designado no feminino. A mesma pessoa concluiu afirmando que '*Cambindas*' não passava do designativo particular de um único grupo, ou melhor, dos diversos ajuntamentos da mesma espécie, apenas um chamava-se '*Cambindas*'. " As nações mais antigas tinham nome de *cambindas*.

Recorrendo à memória popular, viva nos cantos do maracatu, Luís da Câmara Cascudo informa: "O mais tradicional maracatu do Recife, o

Maracatu-Elefante, alude insistentemente nas cantigas como sendo Cambinda-Elefante:

Cambinda Elefante / Na rua! / Chegou Cambinda-Elefante / Dando viva à Nação! /Vamos vê Cambinda-Elefante, / Nossa Rainha já se coroou! / Vamos vê Cambinda-Elefante / Vadiá com alegria! ".

Sugere Oneyda Alvarenga que o nome deve provir da designação étnica dos negros que executavam a dança, pois *cambindas*, ou cabindas, são os "mesmos congos que vieram para o Brasil intimamente ligados aos angolas" (Artur Ramos).

Acrescendo a esses fatos as coincidências coreográficas encontradas em Recife e na Paraíba, a autora supõe que os *cambindas* constituíram a base do que viria a ser atualmente o maracatu. (Fonte – Blog Danças folclóricas)

Ao observar o texto notaremos o porquê o Autor Paulo Tadeu tentou preservar a cultura e, ao mesmo tempo, confunde *Kanbina* [13] com *Cambinda*. Ele pode apenas ter cometido um equívoco linguístico, simples, porém muito comum entre os brasileiros que não dominam os idiomas nativos Africanos, pois sabemos que muitas palavras do *Yorùbá* se confundem e isso é totalmente plausível, trocar palavras quando não domina o idioma corretamente. Basta ver o exemplo da palavra Axé:

YORÙBÁ	IORUBÊS[14]
- *Àse*: festa, entretenimento.	assê
- *Ase*: um tipo esquilo.	assê
- *Asẹ́*: coador.	assé
- *Ãsẹ̀*: porta larga.	ãssé
- *Àṣẹ́*: menstruação.	axé
- *Àṣẹ*: lei, ordem, instrução, comando.	axé
- *Ãṣẹ*: amém.	ãxé

http://iledeobokum.blogspot.com.br/2009/11/quando-ase-nao-e-axe.html

[13] *Kanbina* – Termo usado pelos sacerdotes e iniciados antigos conforme registrado por Dante de Laytano.

[14] Expressão idiomatica para significar a grafia adaptada do fonema ioruba adaptado ao português.

Se uma simples palavra, "Axé", pode gerar muita confusão, imaginemos em pleno anos 80, os escritores e sacerdotes sofrendo com os problemas religiosos, perseguições, incompreensão da própria religião e idioma. Foi uma tentativa de salvar a dignidade de um povo e conceituar a própria raiz religiosa, de muito brava atitude, no entanto, onde se encontra a nossa herança religiosa, entre os *Banto* ou *Yorùbá*?

No mesmo texto notamos que Paulo, especifica a "Nação dos Orixás", sabemos que em território Africano, existe uma diversidade muito grande de divindades e nem todas são *Òrìṣà*, entres os diversos cultos e povos encontramos as divindades *Vodun, Nkissi, Eégun*, etc...

Porém, sabemos que somente os *Yorùbá* cultuam *Òrìṣà*, entre eles alguns *Vodun*, todavia até mesmo estes *Vodun* já vieram da África sob o culto dos *Yorùbá*. Seria um erro nosso, acreditar que os fundadores do Batuque não tinham conhecimento disso.

O COSTUME DE SE ENTERRAR *ÒKÚTA*

Para nos ajudar a conceituar alguns pontos sobre a cultura *Banto* procuramos o *Tata*[15] *Matâmoride*, sacerdote do culto *Angola (Banto)*;

> "Um iniciado nesta religião passa pelo ritual do banho da *menga*[16], sem ele não há iniciação de um *muzenza* [17]. "

Os cultos entre um *nKissi* e um *Òrìṣà* são muito diferentes, porém como explicaríamos a diferença sem revelar segredos de iniciação de cada um?

Para isso, encontramos um vídeo com um relato sobre a feitura de uma divindade *Yòrúba*, dentro do Batuque tradição *Kanbina*, relatado por um sacerdote desta divindade.

---

[15] *Tata* – Pai no idioma *mbundo*.

[16] *Menga* – Sangue no idioma *mbundo*.

[17] *Muzenza* – Iniciado na religião Candomblé Angola, seria o mesmo que *Ìyáwó* (*Yorùbá*).

> [...] Na atual *Cabinda*, muitos cabineiros tem a tradição de enterrar um *òkúta*[18], ou qualquer assentamento, e ao retirá-lo após um tempo, ele se transformaria de *nKissi* para *Òrìṣà* [...] (Informação coletada da entrevista do Babalorixá César de Xangô *Kamuká*, trajetória, *Kabinda*, do projeto *Okutá*, 30'm, em 30/10/2012).

Procuramos outros sacerdotes do segmento *Kanbina* para atestar tal ritual relatado na entrevistam e, não conseguimos encontrar, acreditamos que seja um costume exclusivamente desta família.

Segundo *Tata Matâmoride* sacerdote do Candomblé *Angola (tradição Banto)*, este procedimento não tem nada a ver com os Bantos, pois o que está enterrado não se retira mais da terra, assim quando é plantado algo no chão, não deve se retirar mais. E completa: "...apesar dos *Banto* terem assimilado alguma coisa dos rituais *Yorùbá*, como *Obí-Ota*[19], pedra de fundamento para assentar uma divindade banto, os rituais

[18] *Òkúta* – Pedra, elemento usado pelos *Yorùbá* para representar uma divindade (Beniste).

[19] *Obí-Ota* – Idem a *Òkúta*

de preparação e sacralização deste *Obí Ota*, é totalmente diferente do ritual *Yorùbá....*"

E referente aos *nKissi*, ser cultuado como *Òrìṣà, Tata Matâmoride* explica sobre a diferença entre *Ọya e Matamba*;

> "*Matamba* não é *Ọya*, a origem das duas são totalmente diferentes, que apesar de acharem que ambas são as mesmas, por conter elementos que a liguem (Fogo e Ar quente), estamos falando de divindades diferentes, como *Ọya* deusa dos ventos e dos raios, podendo ser cultuada no *Yàrá-Òrìṣà,* enquanto *Matâmba* é cultuada no tempo, por que ela é a divindade dos ventos quentes que queimam, não poderiam manter o culto dela dentro de um *Yàrá-Òrìṣà,* por que ela traria problemas energéticos e eventuais da sua energia para dentro do templo."

Observem que, as divindades *Vodun* que incorporaram no culto *Yorùbá*, mantiveram seu nome e características, apenas aceitaram serem cultuadas segundo os

fundamentos *Yorùbá*, assim como *Xapanã, Sapakta, Sogbo*, entre outros, encontrados no Batuque do R.S., estas divindades são cultuadas em rituais que diferem dos rituais da sua origem, e, sabemos que foram os *Yorùbá*, quem trouxeram estas divindades com eles, o próprio Verger narra em seu livro "Orixás". No entanto, não conseguimos encontrar divindades *Banto* sendo cultuadas entre os *Yòrúba*, com os nomes de divindades *Yòrúba.*

Outro dado importante, fornecida pelo *Tata Matâmoride*[20], vai de encontro ao propósito deste texto, pois, segundo ele, a tradição *Bantu* não permite que *nZaze* [21] o *nKissi* da justiça, o rei que traz abundância ao seu povo, fique na presença da *Fu Kia Fuíla* [22], *nZaze* possui aversão a divindade, ele é aquele que desaparece do *Abaçá*[23] quando *Fu Kia Fuíla* o ronda, pois, quando morre algum membro do *Abaçá*,

[20] Eduardo Brasil, sacerdote da Nação *Angola, Banto*, iniciado em 23/7/76.

[21] *nZaze* – divindade que tentam comparar com *Ṣàngó*, porem a origem de ambos são diferentes e não é possível sincronizá-los.

[22] Fu Kia Fuíla – Morte

[23] Abaçá – templo para adoração as divindades, conhecido como barracão ou casa.

o costume é, suspender todos os atos, e, se tiver algum iniciado recolhido, o mesmo permanece, porém, as obrigações são suspensas, parando tudo e prepara-se o *nTambi*[24], somente quando terminar estes rituais é que se dará a *Muzenza*".

Como vimos, estas informações contribuem para que a raiz *Kanbina* seja fundamentada nas origens dos *Yorùbá*, se distanciando dos Bantos, e ao mesmo tempo demonstre a forte ligação entre *Ṣàngó* e os ancestrais.

Apesar do tema Nação seja importante para conceituarmos corretamente a estrutura religiosa e social do Batuque do R.S., e as suas atuais tradições *Òyó, Kanbina, Ijeṣa* e *Jeje*, há poucos elementos de diferenciação que possam distinguir uma tradição, de outra, para existir nações com estes nomes. Isto nos permite repensar o conceito Nação no Batuque do R.S., como sendo uma matriz, que se divide em raízes devido à similaridade de ritos e cultos. Assim, o Batuque sugere a noção de uma única "Nação" afro-gaúcha, com quatro denominações, lados, ou raízes, mas que possuem

[24] *NTambi* – rituais fúnebres.

Ottilia Tavares dos Santos e os filhos Antonio (21 anos), Manoel (16 anos) e Nair com (6 anos).

Filho de escravos, ele nasceu livre, pois a lei nº 2.040, lei do ventre livre, de 28 de setembro de 1871, que liberou as crianças nascidas de pais escravos, e, mais tarde quando ele estava com cinco anos, veio a Lei Áurea, Lei Imperial nº 3.353, sancionada em 13 de maio de 1888, extinguindo a escravidão.

Segundo o nosso informante Waldemar foi operário de construção civil. Ele era filho de *Sàngó Agodô*. Ao falecer, ele deixara uma filha de religião pronta[25]. A sacerdotisa Maria Madalena Aurélio de *Òsùn*, foi ela quem finalmente aprontou *Bàbá* Romário *Òòsàálá* e Palmira Torres *Òsùn Pandá Olobomí*, entre outros.

[25] Pronto – Termo usado entre os Afro-Gaúchos para determinar quem chegou ao sacerdócio e está apto a iniciar indivíduos na religião Batuque.

Ottilia Tavares dos Santos e os filhos Antonio (21 anos), Manoel (16 anos) e Nair com (6 anos).

Filho de escravos, ele nasceu livre, pois a lei nº 2.040, lei do ventre livre, de 28 de setembro de 1871, que liberou as crianças nascidas de pais escravos, e, mais tarde quando ele estava com cinco anos, veio a Lei Áurea, Lei Imperial nº 3.353, sancionada em 13 de maio de 1888, extinguindo a escravidão.

Segundo o nosso informante Waldemar foi operário de construção civil. Ele era filho de *Ṣàngó Agodô*, ao falecer, ele deixara uma filha de religião pronta[25]. A sacerdotisa Maria Madalena Aurélio de *Ọ̀ṣùn*, foi ela quem finalmente aprontou *Bàbá* Romário *Òòṣàálá* e Palmira Torres *Ọ̀ṣùn Pandá Olobomí*, entre outros.

[25] Pronto – Termo usado entre os Afro-Gaúchos para determinar quem chegou ao sacerdócio e está apto a iniciar indivíduos na religião Batuque.

Palmira Torres aprontou *Ìyá Olê Ṣàngó*; *Bàbá* Cleon *Òòṣàálá*, *Bàbá* Henrique de *Ọ̀ṣùn*; *Bàbá* Adão *Bará Èṣù Biomi; Alágbè* e *Bàbá* Antonio Carlos *Ṣàngó* e *Ìyá* Marlene *Ọ̀ṣùn* [Informação pessoal do *Bàbálòrìṣà* e professor Denis de *Odé*]

Já vimos que *Ṣàngó* não é cultuado entre os *Bantos*. Paulo Tadeu publicou também com edição do autor, em 2008, outro livro chamado "*Quem é o Orixá Xangô Kamuca*". Nesta edição informa ele que:

> [...] quando o Babalorixá WALDEMAR ANTONIO DOS SANTOS (nascido em 24 de agosto de 1883) deu início ao culto Cabinda, em data não precisa historicamente, porém, de boca a ouvido, sabe-se que o mesmo contava com a idade entre 10 a 12 anos, destacando-se como religioso em estado de sublimação (no sentido de perfeição e de purificação) até a sua expiração, quando fez a passagem para o *Ọ̀run* (firmamento) e 1935.[...] Querem dizer que a causa dos escravos da Cabinda falarem a língua dos *Yorubás* (Nagô) e, via de consequência, denominarem de "Orixás" (termo *Yorubá* nagô) os seus *inkices* (termo kibundo, bântu (, no Brasil, não teria

> sido o domínio social e religioso exercido em solo brasileiro[...] (Tadeu, p. 31)

Se Waldemar nasceu em 1883, aos doze anos seria o ano de 1895, mas no início da década de 50 não havia registros da Cabinda, nem banto, nem *Yorùbá*.

ANCESTRALIDADE E *S̲ÀNGÓ KAMUKA*

Há uma mera confusão entre a divindade *Kamuka* e o *Bábá* Waldemar, assim como não tem necessidade do *Òkúta* de um *Òris̲à* ficar no *Ìgbàl̲è̲*, afinal sabemos que um *Eégún* não é *Òris̲à*, nem mesmo quando o indivíduo morre o *Òris̲à, não se torna Eégún, por que Òris̲à* não morre com o filho. É claro que *no Ìgbàlè̲*, não vai *Òkúta* algum, nem de *Òris̲à* nem de *Eégún*.

E durante o *Arissum*[26], e/ou, missa dos *Eégún*, as oferendas e rituais são feitas para os espíritos daqueles que se foram, e, ocorre o mesmo no *Ìgbàlè̲* fazem oferendas

26 *Arissum* – Ritual fúnebre, vinculado aos ancestrais da casa.

para os antepassados (mortos), sendo que sabemos que ali não está mais o *Òrìṣà* de um falecido. Mesmo porque no *Arissun*, com os rituais que são feitos, desligam as divindades do *Òkúta,* seria nada mais que uma pedra, pois o *Òrìṣà* já abandonou esta pedra nos rituais do *Arissun*.

Talvez quando os mais velhos do Batuque ao verem um *Eégúngún*, e rituais de *Eégún* em Itaparica, tiveram a impressão de que estavam vendo um *Eégún de Òrìṣà,* paramentados e vestidos com as cores de divindades, sem levar em consideração o conceito de que o *Eégún,* que em vida foi iniciado para determinada divindade, poderá carregar os paramentos da mesma quando assim individualizado para culto.

Claro que os antigos do Batuque, não tiveram culpa deste erro conceitual, por que o culto a *Eégún*, era muito secreto e restrito, e qualquer imagem que vissem era uma novidade inatingível.

NÀGÓ KO̩BÌ: UMA HOMENAGEM À KANBINA

Sobre a "casinha de *Kamuka*", como é carinhosamente chamada no Batuque, o *Bàbálòrìs̩à* Raul Dornelles, que herdou[27] os assentamentos do *Bàbálòrìs̩à* Henrique da *Ò̩s̩ún*, informou-nos que:

> "...sua finada avó Palmira da *Ò̩s̩ùn* preparou o assentamento do *Kamuka* para o *Bàbálòrìs̩à* Henrique da *Ò̩s̩ùn,* uma pequena casa situada na frente do templo, que fica ao lado do *Bara Lode,* destinada apenas para esta divindade [...] na época poucos tinham o *Kamuka* sento, pois, a maioria possuía apenas a segurança do *Kamuka* no centro do salão onde cultuavam Òrìs̩à, pois era costume dos sacerdotes(isas) daquela época montarem assentamentos e seguranças diferentes para os filhos com o propósito de evitar que um derrubasse o outro em feitiços quando houvessem desavenças. "

[27] Um sacerdote que possua casa aberta, pode herdar apenas os assentamentos ou fundamentos de seu *Bàbá* ou *Ìyá*, para preservar o às̩e.

Devido ao *Aláààfin* descender diretamente de *Okanbi*, é perfeitamente justo atribuirmos-lhe o *oríkì* (nome de louvor) *Àkòbí Odùduwà*, conforme demonstramos. Mas este dado não é o mais importante para justificar a aplicação do título *Nàgó Kòbì*, à raiz *Kanbina*.

O fato da *Kanbina* possuir uma construção nos templos que cultuam esta divindade, localizada no pátio dos templos, ao lado do *Bara Lode*, vai de encontro, em África, com a arquitetura do Palácio do *Aláààfin*, que possui um quarto exterior, uma extensão da construção principal, chamado *kòbì*. Para relembrar, citaremos novamente, *Johnson*:

> [...] uma nova abertura é feita por ele na *Aganju Kobi*, através dela que ele entra no recinto interior do palácio. Esta entrada é para o seu uso exclusivo dentro e fora do *Kobi* durante o seu reinado: em sua morte é fechada. Nesta entrada tem que oferecer em sacrifício um caracol, uma tartaruga, um tatu, um rato de campo (*emó*) um rato grande (*okete*) um sapo, um girino, um pombo, uma galinha, um carneiro, uma vaca, um cavalo, um homem e uma

> mulher, os dois últimos sendo enterrado no limiar da abertura; no sangue das vítimas e sobre o túmulo dos dois últimos, ele tem que caminhar para o átrio interior [...]

Assim, *Nàgó'Kọbí* não é uma nova raiz dentro do Batuque. Trata-se de um título em homenagem à raiz religiosa *Kanbina* evidenciando a sobrevivência da construção estendida que existe no palácio do *Aláààfin*, o *kọ̀bì,* simbolizada na construção da "casinha de *Kamuka*", que é muito comum encontrar nas casas do culto vinculado à *Kanbina*, que destina ao rei da *Kanbina*, *Ṣàngó Kamuka,* uma construção também estendida ao quarto-de-santo do Batuque do Rio Grande do Sul.

Para melhor evidenciar e justificar, vamos transcrever o verbete *kọ̀bì* do dicionário Abraham, R.C. *Dictionary of the Modern* Yorùbá*,* 1962, pg. 45:

> *kọ̀bì* – (1) [a]. uma extensão construída fora do palácio, para servir como quarto. [b] v. Ààfin 4 L. (2) ~ *agọnjú*. [a] trono-quarto onde o *Aláààfin* aparece. [b] v. Ààfin 4 H. [c] o terceiro ou quarto *kọ̀bì,* é para os músicos.

Vamos verificar também as recomendações do verbete, no mesmo dicionário, à página 18:

> *Ààfin* 4 H - [...] Ele agora é um rei. Uma nova abertura é feita no *kòbì-agonjú* para ele entrar no recinto. Animais, um homem e uma mulher, foram sacrificados ali e enterrados na abertura. Sacrifício humano também será feito durante o enterro do *Aláààfin*.
>
> *Ààfin* 4 L – Funeral do *Aláààfin* - [...] existem tantos *kòbì* dentro do *Bàrà*, tantos quantos forem os reis enterrados ali. [...]

Chamamos a atenção que, a palavra *Bàrà*, acima, não tem nenhuma relação com *Òrìsà Èsù* ou *Bará*. Para que isso fique claro, vamos transcrever também o item 4 D, idem, idem.

> *Ààfin* 4 D - A coroação acontece três meses após a morte do último rei. Este dia é chamado "o dia da visita ao Bàrà". O *Bàrà* é um mausoléu real, e está sob a custódia da sacerdotisa *Ìyámọndẹ̀.*

No ritual da *Kanbina*, quando um sacerdote de uma casa falece, após 32 dias, joga-se para ver qual procedimento deverá ser tomado em relação à casa-de-santo e aos iniciados por ele. Somente após três meses é que deverá ser feito qualquer ritual para retirada da mão do antigo sacerdote.

Conforme demonstrado, é clara a evidência de que a raiz *Kanbina* tenha sua origem no *Alafinato Yorùbá*, ao invés de ser, uma sobrevivência *Banto*, como se acredita. Assim, em homenagem a esta raiz, nós a reverenciamos como *Nàgó'Kọ̀bí,* por ter, conforme acreditamos, seus rituais, diretamente ligados primordialmente ao *Alafinato,* através de *Kamuka*.

WALDEMAR E O *BORÍ* DO *ONILÚ* BOREL DE *ṢÀNGÓ*

Walter Calixto Ferreira, o tamboreiro Borel, publicou em 1997, pela Editora Renascença o livro "*Agô-Iê, Vamos falar de Orishas?* ", pg. 21. Na página de homenagens póstumas, ele escreve:

> " Aos inesquecíveis babalaorishas que me viram nascer, e que foram para mim um exemplo:
>
> - Valdemar Antônio dos Santos (Tiemar de Shango)
>
> [...]

Valdemar é o primeiro de uma lista de catorze nomes. Já na página 17 sobre o autor, com informação complementada na página 21, pode-se ler o seguinte:

> " Nascido em 07/06/1924, na cidade de Rio Grande, neto materno da extinta yalorishá Iá Magali Yala (Mãe Domingas) [...] vindo depois com a família para

> Porto Alegre, onde com seis anos fez o primeiro borí pelas mãos do famoso Waldemar do Xangô Camucá. "

Da morte de Waldemar em 1935, até o ano de 1956, data da Comissão Gaúcha de Folclore, teríamos nada mais do que 21 anos, um tempo razoável para a Madalena, única filha aprontada por Waldemar, aprontar a *Ìyá* Palmira e o *Bàbá* Henrique da *Òsùn* aprontarem filhos e começarem a divulgar, sabemos que o *Bàbá* Cleon se aprontou em 1952, sendo assim, a *Kanbina* já poderia ter contado e dado as referências.

> [...] em data de 24 de agosto de 1883, quando o mesmo foi escolhido, no ventre pelo ORIXÁ REI XANGÔ KAMUCÁ BARUÁLOFINA, que, conforme todos os demais Deuses do Panteão dos Orixás, já sabia o futuro encargo religioso do seu filho WALDEMAR, porém, quem teria aprontado o Babalorixá Rei Waldemar não é conhecido por ninguém, e, caso alguém arrisque palpitar, ou arrumar uma Mãe ou Pai-de-religião para o mesmo, será

> especulação, mentir, maldade, ou invenção de quem deseja enxovalhar esta grandiosa Nação dos Orixás. [...] (Tadeu, p. 33)

Cabe salientar que, Paulo Tadeu não apresenta referencias, quando, falando de Waldemar, diz que "o mesmo foi escolhido no ventre". Não sabemos como ele obteve esta informação (e talvez outras).

QUEM É KAMUKA

Em 2008, surge mais um livro do escritor Paulo Tadeu, "QUEM É O ORIXÁ XANGÔ KAMUCÁ, NA NAÇÃO RELIGIOSA DE CABINDA? ", e volta a falar, da *Kanbina*, reafirmando como uma cultura Banto. Às p. 23 e 24, informa:

> [...] religiosos da Nação Cabinda e das demais Nações de origem Africana cultuadas no Estado do Rio Grande do Sul, consideradas como sendo puras (Cabinda, Gêge, Ijexá, Oyó, Nagô...)

O legado de XANGÔ KAMUCÁ – Orixá REI da Nação Religiosa de Cabinda, cultuada no Estado do Rio Grande do Sul, e oriunda da região de Cabinda, perto de Angola e da foz do Rio Congo, no Continente Africano – é um legado grandioso e duradouro. É um povo Banto (Bântu), ou povo de língua Banto (Bântu).

No Brasil, banto era qualquer dos escravos chamados de angolas, benguelas, cabindas, congos, moçambiques (maçambiques). Banto é também o grupo de línguas pertencentes ao benuê-congo, e que é composto de várias centenas de línguas faladas numa área muito extensa da África, desde o paralelo 5 até a antiga Colônia da Cabo (na atual Republica África do Sul). Banto (Bântu) é o indivíduo de um dos povos que fala qualquer das centenas línguas bantas.

Quanto à língua falada pelos escravos negros originalmente em seu berço de nascimento (África) eram estas, repetimos, "centenas de línguas banto", citando-se apenas algumas destas que são: quimbundo (kimbundu); bundo;

ambundo (mbundo); andongo; dongo; Luanda; quindongo; língua de angola congolês; macuaruand; suali (suaíle); cosa; zulo; gur; voltaico; [...]

Notem que o escritor Paulo Tadeu, registrou os seguintes lados **Gêge, Ijexá, Oyó, Nagô**, concordando com Dante, porém, não incluiu a nação "Obá (*Ẹ̀gbá; Eba*). Ela foi apagada dos registros e da mente dos descendentes do Batuque R.S.; acreditamos que atualmente ninguém saiba que existiu esta raiz.

No mesmo texto o autor inclui entre as Nações, a *Cabinda*, referindo-se como uma Nação de origem *Banto* tradicionalista, contendo divindades e idioma, citando diversos idiomas comuns entre os povos *Banto*, porém não nos orienta onde são empregados e quais estão dentro do batuque.

Os Banto cultuam *nKissi*[28], porém, quais *nKissi* que são cultuados no Batuque e como são cultuados?

---

[28] *nKissi* – Divindades cultuadas entre os Banto, segue algumas; *lembaraganga; kajanjá; kanbaranqueje; matamba; kaitumbá; dandalunda; bombojira/aluvaiá; mucumbe; kassumbenca; angoromea; wunje; yombe; catendê; Kitembu; zumbarandá; kafundeji*

> [...] pelo Orixá XANGÔ KAMUCÁ se dá pela Sua gloriosa tradição de REI DA NAÇÃO RELIGIOSA DE *CABINDA* e pelo poder (Axé, Força) que emana deste Orixá Coroado e responsável por esta grandiosa e tão importante Nação de Orixá [...] (Tadeu, p. 26)

> [...] No Brasil, os Yorubás, em numerosidade de escravos, dominaram social e religiosamente os outros povos escravizados, com exceção dos *malês*. [...] (Tadeu, p. 30)

Os bantos não cultuam *Òrìṣà*, nem é possível que haja o sincretismo, pela diferença entre os cultos e origem das divindades, então, ainda que por hipótese possa ter existido em sua fundação um sangue *banto*, a religião banta nunca existiu.

Assim, concluímos que os *Banto* não cultuam *Òrìṣà,* nem mesmo a divindade *Ṣàngó, o rei da Kanbina,* da mesma forma que os *Yorùbá* não cultuam *nKissi,* nem mesmo existe culto à *nKissi* em forma de *Òrìṣà.*

Como mencionamos os *Ṣàngó*, somente são cultuados entre os *Yorùbá*, segundo o texto, Waldemar estaria predestinado a ser um sacerdote de *Ṣàngó,* uma divindade *Yorùbá?* Então, como ele poderia ser vinculado à ancestralidade *Banto* como sua descendência, para fundamentar uma religião?

> [...] XANGÔ AGODÔ KAMUCÁ BARUÁLOFINA é o Orixá REI da Nação Religiosa Cabinda, praticada e cultuada no Estado do Rio Grande do Sul. Xangô é o nome do Orixá; *AGODÔ* é a classe deste Orixá; KAMUCÁ é o nome deste Orixá Rei que foi assentado para o Babalorixá REI, WALDEMAR ANTONIO DOS SANTOS; BARUÁLOFINA é o sobrenome deste Orixá REI da Nação Religiosa de Cabinda[...] (Tadeu, p. 59)

O relato do escritor Paulo Tadeu, merece muita atenção, pois ele é revelador, estamos diante de uma situação riquíssima de informações, "XANGÔ AGODÔ KAMUCÁ BARUÁLOFINA", sem dúvida que é uma divindade que tudo gira em torno dele, dentro da raiz religiosa *Kanbina*, e seus descendentes o veneram em seus

rituais e fundamentos, sabemos que *Agodô* é um *Ìran-òòsà*[29] de *Aláààfin*, que entra no culto à *Ṣàngó* no Brasil, o que nos revela para qual divindade Waldemar foi iniciado, quebrando o mito de que Waldemar foi iniciado *Kamuka*, sendo que Paulo Tadeu, informa a Divindade (*Agodô*), nome (*Kamuka*) e sobre nome da divindade (*Baruálofina*) a que Waldemar foi iniciado.

Colhemos um depoimento do *Bàbá* Raul, iniciado em 1958, que informa praticamente o mesmo, porem nos esclarece para qual divindade Waldemar foi feito e que ele carregava o assentamento de *Kamuka*;

> "Waldemar foi feito para *Agodô*, e foi sento o *Kamuka* na casa dele, o que o fez ser conhecido por Waldemar do *Kamuka*, porem o que as pessoas não sabem é que *Kamuka* é um assentamento, assim como o *Legba* e a *Zina*, que não pega cabeça nem dança no salão. " (Informante – *Bàbá* Raul *Ṣàngó*)

[29] *Ìran-òòṣá – Geração, descendência*

Sabemos que algumas famílias no Batuque (ainda) acreditam que, enquanto o indivíduo está vivo, ele carrega o *Òrìṣà*, quando este falece, o *Òrìṣà* carrega o indivíduo, ou seja, o *Òrìṣà* se torna um *Eégún*.

Este conceito não está de acordo com a Matriz *Yorùbá*, onde *Eégún* é um antepassado cultuado individualizado, digamos que é uma honra ser um *Eégún*. Porém falaremos mais à frente sobre *Eégún* e antepassados.

> [...] Kamucá não é uma Classe do Orixá Xangô, é um nome apenas. [...] Diferente das demais Nações em que os Religiosos (por receio dos inimigos os enfeitiçarem, ou por desconhecimento) costumam omitir o nome do Orixá-de-cabeça, os Cadindeiros costumam se apresentar sempre declarando o nome do seu Orixá-de-cabeça; Oxalá *ONIFÁ*; Cleon de OXALÁ *ELEFÃ* [...] (Tadeu, p. 59)

Paulo Tadeu informa que *Kamuka* não é uma divindade individualizada, com culto próprio, e sim um nome de um dos *Ṣàngó,* na verdade um *Agodô*, cultuados entre a

diáspora do Batuque do R.S., é comum no dia a dia de uma casa de ouvirmos "fale com a Oxum" ou "o Xangô quer falar com você". Na prática, não se refere aos orixás propriamente ditos, e sim às pessoas iniciadas nestes orixás. São expressões idiomáticas que significam "fale com fulana de Oxum" ou "beltrano de Xangô deixou recado para você". Ainda a tempo, precisamos informar que o Paulo Tadeu pertence a uma família que não possui o *Kamuka* sento, **apenas fazem a segurança de *Kamuka* no meio do salão**, que apesar de serem descendentes do Waldemar, eles possuem assentamentos diferentes do Henrique da *Òsùn*.

Queremos relembrar ao leitor a fala do *Bàbá* Raul quando cita que "Waldemar ficou conhecido por **Waldemar do *Kamuka*** porque possuía na frente da sua casa um *ojúbo*[30] de *Kamuka*" e ainda afirma que "seria impossível que o *Kamuka* deixasse uma mensagem dizendo que ele jamais pegaria cabeças, por que Waldemar era do *Sàngó Agodô*".

[30] *Ojúbo* – Altar, local de adoração. (Beniste)

Paulo Tadeu diz que "[...] *Kamuca* é o nome deste Orixá Rei que foi assentado para o *Bàbálòrìsà* Rei, Waldemar Antônio dos Santos; *Barualofina* [...] (Tadeu, p. 59). Waldemar é o Rei da raiz religiosa *Kàmbína*. Não devemos confundir Waldemar com *Sàngó*. Pedir proteção aos nossos antepassados para assegurar um ritual, é comum.

Possivelmente o Waldemar começou a ser chamado de *Kamuka* por um reflexo da sua fama no passado, mas quando o reverenciamos no *Ilé-ibó-akú* [31], estamos lidando com *Eégún* do Waldemar, e não com o próprio *Kamuka*.

Vale ainda um registro da existência do assentamento do *Kamuka* na porta dos antigos templos, conforme narra o depoimento do *Bàbá* Mauro de *Òsún*;

---

[31] *Ìgbàlè* – Uma dependência secreta, local do culto ao *Egúngún* (Beniste)

"No *Ilé* do meu sacerdote, *Bàbá* Clovis de *Sàngó ibókú* (falecido), iniciado por Henrique da *Òsùn* (falecido), casa de nação, Batuque do R.S., *Kanbina*, havia duas casinhas na entrada do templo, uma ficava o *Bara Olóòde* e o *Avagan*, e na outra a *Tinbowa* e o *Sàngó Kamuka,* um assentamento comum entre a nossa família. Eu possuo uma faca para cortar para o *Kamuka* dada pelo meu *Bàbá*. "



Figura 14 *Bàbá* Mauro *Òsùn*
Fonte – *Bàbá* Mauro



Figura 15 *Bàbá* Clóvis de *Sàngó*
Fonte - Mauro Idem

Estas imagens ilustram os *Ojúbọ́* de *Kamuka*:



Fig. 16 - A casinha à esquerda guarda o *ojúbọ* do *Bara*, e à direita guarda o *ojúbọ Ṣàngó Kamuka*, que recebe o nome *Kọ̀bi*. Templo Ilê Axé Nagô Kóbi, São Paulo, SP, tradição *Kanbina*.



Fig. 17 - A primeira casa guarda o *ojúbo̲* do *Bara,* e a segunda guarda o *ojúbo̲ S̲àngó* do *Kamuka*. Templo *Ilé-o̲ba Agodo Às̲e̲ Nàgó'Kòbì*, Campo Grande, MTS, tradição *Kanbina*.



Fig. 18 - *o Ihò ààbò* de *Sàngó* do *Kamuka* do meio do salão.
Templo *Ilé-oba Agodo Àse Nàgó'Kòbì*, Campo Grande, MTS, tradição *Kanbina*.



Fig. 19 - *Kọ̀bi: ojúbọ Ṣàngó Kamuka*. Templo *Ilé Àṣe Funmilayo,* Passo fundo, R.S., tradição *Kanbina*.



Fig. 20 - *Ihò ààbò* de *Ṣàngó Kamuka* do meio do salão.
Templo *Ilé Àṣe Funmilayo,* Passo Fundo, R.S., tradição *Kanbina*.



Fig. 21 – *Kòbi: ojúbo Sàngó Kamuka*. Templo *Ilé Omi Òsún Àse Kanbina,* família Kóbi, Lajeado , R.S., tradição *Kanbina*.



Fig. 22 - *Ihò* ààbò de *Sàngó Kamuka* no meio do salão. Templo *Ilé Omi Òsún Àse Kanbina,* família Kóbi, Lajeado . R.S., tradição *Kanbina*.

Ainda sobre *Kamuka* necessitamos registrar informação importantes, de pessoas notáveis do Batuque.

Bàbá Celso de *Xapanã, raiz Kanbina,* Viamão, informa a existência do *Kamuka* na casa da *Ìyá* Glaci *Ọ̀ṣún*, 82 anos, Porto Alegre, que pertence a tradição *Ijeṣa*.



Figura 23 Foto *Ìyá* Glaci, com *Bàbá* Celso de *Xapanã*.
Fonte – *Bàbá* Celso *Xapanã*

O Tamboreiro Antônio Carlos de *Sàngó* (informação pessoal) nos transmitiu um relato importante sobre os Reis das tradições do Batuque.

> Cada *òrìsà* possui uma função. Existem determinados *òrìsà* que a sua função é proteger toda uma comunidade, assim como *Kamuka*, que protege toda a Cabinda. Cada nação tem o seu Rei.
>
> Na Cabinda, o seu Rei é *Kamuka*, que foi feito na Cabeça do Waldemar, o fundador. Quando ele morreu não deixou como seria a feitura dele, assim nós só podemos cultuar *Kamuka* no *Ìgbàlè*, quando matamos para *Égún*. Os ancestrais estão vinculados a ele, e os iniciados mais novos são obrigados a louvar *Kamuka*, para chegar aos ancestrais.
>
> O povo de *Òyó* tem o *Sàngó* do Povo que protege toda a comunidade de *Òyó*. Só existe um. Seu assentamento fica no pátio do lado de fora. O nome deste *Sàngó* é *Dadá*. O *Alujá* é a *orin* do Dadá.

> Para o povo Jeje, é o *Sogbo*[32]. Seu assentamento fica dentro do templo, porem separado das demais divindades.
>
> No *Ijes̱a* é o *Aláààfin*[33], esta divindade fica dentro do salão, junto com os demais *Òris̱à* cultuados, pela comunidade religiosa. [A. Carlos]

A seguir, um registro que informa da existência de um servo vinculado a *Kamuka*.

BEM, Daniel Francisco (2012), em sua tese de doutorado "Tecendo o axé", informa o seguinte:

> [...] Participei de uma palestra do seminário organizado por *Ìyá* Peggy, em seu templo religioso. *Ìyá* Peggy de *Yemọnjà*[34], uma mãe-de-santo do

[32] *Sogbo* – Divindade *Jeje*, que já veio cultuada entre os *Yorùbá* e seus costumes.

[33] *Aláààfin* é o nome dado ao governante dos reis, todos os *S̱àngó* cultuados foram um *Aláààfin*.

[34] Segundo o informante Daniel, *Ìyálòris̱à* Peggy de *Yemọjà*, Barrio Florida, Partido de Vicente López, Gran Buenos

batuque iniciada em 1977 pelo pai Adão de Oxalá, gaúcho de Viamão, que antes de se tornar batuqueira tinha uma escola de inglês. Antes havia participado alguns anos da comunidade de mãe Nélida de Oxum. *Ìyá* Peggy também é *Ìyáonifá*, sacerdotisa do *Ifá* nigeriano.

Neste evento um importante tamboreiro argentino da raiz cabinda apresentou e explicou, junto com seu filho, toques rituais, descreveu a organização básica do rito Cabinda e, ainda, a árvore genealógica desse "lado" na Argentina (Estima-se que na Argentina a nação cabinda tenha um grande número de praticantes. Importantes pais-de-santo gaúchos dessa nação, envolveram-se no processo de trans-nacionalização afro-religiosa para esse país, entre estes o histórico Romário Almeida de Oxalá e o contemporâneo João Cleon de Oxalá.).

Aires, Argentina, apresentou em setembro de 2008 ao PPGAS/UFRGS sua tese como exigência parcial para a obtenção do título de Doutor em Antropologia, na qual fala sobre *Kamuka*.

Tudo era escrito em um quadro branco, gravado em áudio e em filme. Os alunos, uns trinta pais-de-santo, das mais variadas nações afro-religiosas, alguns vindos até da Terra do Fogo, anotavam tudo avidamente e colocavam várias questões. Em determinado ponto da fala do *bàbá* Hugo de Oxalá, sacerdote e tamboreiro, alguém pergunta sobre o Xangô Kamucá, um orixá que só é cultuado na linha de cabinda enquanto um *egúngún*, se toca para ele, mas não se entrega a cabeça para ele, não é incorporado. Xangô Kamucá seria o Xangô morto, que é obrigado a cuidar do cemitério, sendo senhor dos eguns, ao lado de Iansã e Xapanã.

Existem algumas versões êmicas da não incorporação do Kamucá. Ouvi de Tiago de Xangô, ogã de Luis Antonio de Xangô, em Porto Alegre, que Xangô Kamucá não é um orixá, mas sim um *éégún* de orixá (*egúngún*), o que justificaria o tabu. Tiago, inclusive, me explicou que em ioruba, Ka–mucá, significaria caído no lodo ou levantado do chão.

Durante a palestra de *bábà* Hugo de Oxalá, *Ìyá* Peggy narra uma versão diferente para o mito de Kamucá.

Segundo a sacerdotisa, a partir de escavações arqueológicas na Nigéria, se encontrou o túmulo de Xangô Kamucá. Pelo seu léxico, mucá, significaria servo e, portanto, o túmulo era de um servo de Xangô. O culto a Kamucá seria a reverência a um escravo fiel, que nunca abandonara Xangô, enquanto homem e rei de Oyó e que, por isso, entrara no panteão de ancestrais cultuáveis publicamente, mas não incorporáveis.

Diferentemente do porto-alegrense Tiago de Xangô, Peggy de Iyemọja não busca na mitologia, e sim na história, sua explicação para Xangô Kamucá. Volta-se para a legitimidade da própria história em si, através da arqueologia, para ratificar seu argumento, centrado sobre a etimologia do termo Kamucá, e sobre o lendário reinado de Xangô. Nessa narrativa, a quantidade de objetos que remetem diretamente a África, sem passar pelos

mitos e negros crioulos da América, se explica pelo alto poder legitimador do termo África sobre qualquer objeto afro-referenciado.

Entendo que no seminário de *Ìyá* Peggy, em um momento em que se resolviam dúvidas quanto ao culto de um ancestral, o Xangô Kamucá, a sacerdotisa acabou prestando reverência aos seus ancestrais modernos, a cultura escolar e o discurso histórico, mostrando o hibridismo "africanista ocidental" existente nos objetos afro-religiosos na Argentina. Note-se que o supracitado pai Alfredo de Ogum também invoca a disciplina histórica como base para o seu argumento. Mas enquanto este dialoga com a história argentina para legitimar a existência de sua religião neste país, iya Peggy faz uma conexão direta com a África. [...]

Este texto sobre *Kamuka*, é revelador, até então, não tínhamos informações que nos levassem a esta divindade direto para a Nigéria. Entretanto, Daniel não se preocupou em saber de *Ìyá* Pegi quais foram as fontes para suas informações.

Para isso, procuramos a Embaixadora da Cultura do *Aláààfin* de *Òyó*, Paula Gomes para nos auxiliar com dados que nos leve ao "Mucá" (servo registrado por Daniel), que nos respondeu:

> "Na hierarquia dos servos de *Aláààfin* até ao dia de hoje, esse nome não existe, a história oral é recontada através dos *oríkì*, esse nome não existe, não existem provas de nenhumas escavações feitas. Não existem provas orais, nem físicas. Ninguém conhece. Como lhe disse esta história não pertence a *Òyó*. " (Informação pessoal)

Referente ao nome *kamuka*, não existe este nome no culto em *Òyó* Nigéria. Possivelmente trata-se de um nome de louvor, um *oríkì*. Assim, voltamos ao início e menção de três fontes. A primeira foi o próprio Paulo Tadeu, e a segunda, o nosso informante *Bàbálòrìsà* e professor de História, Denis de *Odé*, e a terceira, o *Bàbá* Raul, que confirmam que Waldemar foi iniciado para *Sàngó Agodô*.

O professor e pesquisador Ari Oro, citado por Tadeu, fala sobre os *Kanbina,* segundo a sua fonte, apesar dos nomes induzir ao povo *Banto,* o seu informante narra que não encontrou *nKisse* sendo cultuados no culto da *Kanbina*, revela que *Gululu* foi o responsável pela iniciação do Waldemar, e ainda revela o nome da divindade da Madalena da *Òsún* a sucessora do Waldemar, confira;

> [...] *CABINDA*. Trata-se de uma nação Banto, originalmente de fala *Kimbundo*. O cemitério é o início da nação religiosa de Cabinda, diz um pai-de-santo e estudioso do batuque. Segundo ele, o culto aos Eguns nesta Nação é tão forte que dificilmente se encontrará uma casa-de-religião sem que tenha o devido assentamento de Balé (culto aos egunguns), ou *Igbalé* (casa dos mortos). (Ferreira, 1994:59) "

Já para o babalorixá Pernambuco Nogueira, nos rituais de Cabinda que frequentou no Rio Grande do Sul "**jamais ouvimos falar de *Inkices***". **O que sempre foi cultuado foi o Orixá iorubano"** (Adalberto Pernambuco

Nogueira, é presidente do Conselho Estadual da Umbanda e dos Cultos Afro-Brasileiros do Rio Grande do Sul (CEUCAB/RS) (o grifo é nosso)

Segundo consta, este culto foi trazido para o Rio Grande do Sul por um africano conhecido por ***Gululu***, de cujas mãos saiu a figura mais marcante do culto Cabinda no Rio Grande do Sul: Waldemar Antônio dos Santos, do Xangô Kamucá. Dele descenderam as famosas **Mãe Maria Madalena Aurélio da Silva, de Oxum *Epandá Demun*,** que iniciou Romário Almeida, do Oxalá, e Henrique Cassemiro Rocha Fraga, de Oxum *Epandá Bomi*, todos falecidos, e Mãe Palmira Torres dos Santos, de Oxum *Epandá Olobomi*, que iniciou João Cleon Melo Fonseca, do Oxalá, que é tido hoje como o mais importante herdeiro da tradição Cabinda do estado, embora, como diz Pernambuco Nogueira, "de sua origem mantém apenas o rótulo: o conteúdo é todo ele Ijexá" [...] (*ibidem*). (Os grifos são nossos)

Ainda registrando informações sobre *Gululu*, o trecho do escritor Paulo Tadeu, que menciona o seguinte;

> [...] Arrumaram até um fundador da Nação Religiosa de cabinda, em Porto Alegre, denominado de "*Gululu*", um africano. Depois, não contentes, porque não tendo qualquer lógica, não vingou tal arrumação ou armação, resolveram arranjar um codinome ("*Gululu*") para o Babalorixá REI da Nação de Cabinda; aí então, segundo eles, o Babalorixá REI WALDEMAR seria o próprio "*Gululu*"(?) [...] Declaramos mais, que, é possível que *Gululu* (codinome dado por inventores e pseudos "entendidos" para o Babalorixá Rei WALDEMAR) seja um desses africanos de origem *bantu* que aprendeu a cultura dos Orixás aqui no Brasil com os sudaneses (leia-se Nagô (Yorubá); Ijexá; Jeje; Oyó; entre outros povos religiosos), mas resolveu fundar uma sociedade religiosa com negros originários da mesma religião (Cabinda), batizando (colocando um nome; uma alcunha, um apelido, denominando) sua Nação, então *Cabinda* [...] (Tadeu, pg 51)

O site Xangô Sol registra informações importantes sobre a origem do Sacerdote *Gululu*, a sua origem e tradição no Batuque do RS., tradição *Òyó*:

Tradição do *Òyó* e a origem da *Kanbina*

Uma das fontes da nação *Òyó* na cidade de Porto Alegre foi a Sra. Ermínia Manoela de Araújo, conhecida como mãe Donga de Oxum. Era filha de Oxum (*Òsún*) com *Ossãe* (*Osányìn*); morava na colônia africana, nas imediações onde é hoje o Auditório Araújo Viana.

Dona Ermínia nasceu no dia cinco de maio de 1889, era uma negra de grande sabedoria, e seguia as tradições religiosas de acordo com o que herdou de seus genitores, que praticavam as culturas de ***Òyó*** e ***Ijesá*** juntos, já naquela época, até por que são nações de muita proximidade dentro do território nigeriano, inclusive a língua *Yorùbá* é o idioma falado pelos dois povos, com apenas algumas diferenças no dialeto. (o grifo é nosso) [Site Xangô Sol]

Segundo as informações do site Xangô Sol, considera que a *Ìyá* Donga, seja a mais antiga sacerdotisa da tradição *Òyó*. Informa que *Ìyá* Donga herdou os lados *Òyó* e *Ijeṣa*. Não temos referência alguma de quem foram seus genitores, porém, notamos que os lados emergem de uma mesma ramificação, se fortificando mais tarde por aqueles que se destacam pelo seu lado, chegando a fundir tradições de uma à outra, sendo que há possibilidade de não serem tão distantes assim.

Conforme informações de *Ìyá* Nélia de *Ossãe*, filha carnal de tia Luiza de *Ògún*, Ermínia Manoela de Araújo teve quatro filhos:

> Maria Rosaura de Araújo Souza, ficou conhecida como *Ìyá* Rosália de *Ṣàngó*, nasceu em 08 de abril de 1911 e faleceu em 05 de agosto de 1989; Luiza de Araújo Souza, conhecida como tia Luiza de *Ògún*, nasceu em 25 de novembro de 1915 e morreu em 19 de julho de 1994; Mário de Araújo Souza, conhecido como Mário Bocão, filho do *Odé*, não temos as datas de

seu nascimento e morte; Lurdes de Araújo Souza, iniciada para *Xapanã*, também não temos as datas e seu nascimento e morte. [Site Xangô Sol]

Dona Ermínia (Donga de *Òsún*) contraiu a gripe espanhola e falecendo em 1918, deixando os quatro filhos pequenos, tia Rosália de *Sàngó* com seis anos e sua irmã Luiza de *Ògún* com dois anos de idade, e os outros dois filhos também pequenos. Em Porto alegre, foi criado um cemitério especialmente para as vítimas da gripe espanhola, que matou em todo país cerca de 300 mil pessoas.

O único filho de santo que Dona Donga da *Òsún* deixou pronto com todos os assentamentos foi o **Sr. Antoninho da *Òsún* (morou no Mont'Serrat, na cidade de Porto Alegre, e segundo consta, ele faleceu no ano de 1932),** que herdou além das tradições religiosas, também todos os seus filhos de ventre e de *àse*. (o grifo é nosso)



Figura 24. *Bàbá* Antoninho da *Òsùn* Panda *Olobomi*, conhecido por *Gululu*. Fonte - Antônio Carlos Pereira Idem

Dona Donga tinha uma cunhada que também seguia as tradições da nação *Òyó*, chamada dona Leopoldina de *Òòsààlá*, que passou ser filha de santo e auxiliar de *Bàbá* Antoninho, junto com outra senhora chamada carinhosamente de Velha, que também foi uma luz neste antigo terreiro

Antoninho da *Òsún* trabalhava fora e ainda arrumava tempo para se dedicar a inúmeros filhos de santo e consulentes que o procuravam, teve dois filhos carnais, e outros tantos de criação, entre elas "dona Maria Garçoneta" que morava nas imediações da Igreja N. Sra. Do Trabalho, tive a felicidade participar de um batuque em seu ilê, na Vila Ipiranga. (Tito de *Sàngó*)

Bolívar registrou um dado importante em seu artigo "A Nação *Òyó* em Alegrete, uma Etnografia do Batuque *Òyó*", sobre um dos primeiros sacerdotes da tradição *Òyó* por nome "*Gululu*", aproximando-se aos nossos estudos ao fundador da *Kanbina,* que até então consideravam ele ser um africano de origem Banto. Esta informação nos leva novamente a origem da *Kanbina e* o culto a *Ṣàngó*.

Sabemos que a divindade *Ṣàngó* do Povo cultuado no lado *Òyó*, e o de *Ṣàngó Kamuka* no lado *Kanbina*, são semelhantes, e que ambos não eram iniciados na cabeça de ninguém. Isto abre a possibilidade para uma origem única de ambas as divindades, ou talvez sejam a mesma divindade, com dois nomes, algo comum na religiosidade ioruba.

Bolivar, no entanto se equivoca ao informar que Antoninho (*Gululu*) como um sacerdote de *Yemọja*, por que ele se refere a duas famílias: a da Emília, e a do Antoninho. Conseguimos fazer a devida correção, ao encontrar depoimentos de familiares de Antoninho da *Ọ̀ṣún*. Confira o trecho que Bolivar cita *Gululu*:

"Segundo informação do *Bàbá* Airton da *Yemanjá*, existem cerca de cinco famílias da tradição *Òyó* no estado, das quais ele se recorda apenas de duas famílias. Uma delas entrou no estado chegando primeiro em Santa Catarina, no porto de Laguna, e depois se deslocando para o Rio Grande do Sul em direção a Porto Alegre, tendo como precursor o *Bàbá* chamado **Antoninho *Gululu* de *Yemanjá***. A segunda família religiosa chegou pelo porto de Rio Grande, deslocando-se depois para Pelotas, local de nascimento de *Ìyá* Emília (Emília Fontes de Araújo) de *Oyá Ladjá* (Emília Fontes de Araújo, nascida no século XIX e falecida na década de 1930), a Ìyá de Santo mais antiga que se tem notícia desta família. [...]" [o grifo é nosso] (Bolívar)

E colaborando com mais informações, o *Bàbálòrìsà* João Felix de Ogum, em seu Facebook, nos informa sobre o sacerdote *Gululu*:

"Colônia Africana. Em porto Alegre antigamente era chamado o local onde se concentravam descendentes de africanos escravos que predominavam

> em uma área entre Azenha, Cidade Baixa e Bonfim, entre esses um nigeriano que falava pouco português.
>
> Escravo liberto em sua época ***Gululu* morava no Beco do Poço**, uma pequena ruela que ligava Borges de Medeiros a João pessoa, teria ele sido antecessor do *Bàbálòrisà* Valdemar do *Kamuka* da Nação Cabinda. (*Bàbálòrisà* João Felix) [o grifo é nosso]

Bábá Marcio, sacerdote da raiz *Òyó* do Batuque do R.S., da cidade de Gravataí, R.S., descendente religioso do *Gululu* terceira geração, informa dados importantes que revelam a trajetória deste sacerdote (informação pessoal):

> "Ainda se comemora todo dia 18 de outubro a feitura da *Òsùn de* Antoninho da *Òsùn Panda Olobomi* [...] *Bàbá* Antoninho se instalou no Bairro da antiga Colônia Africana. Iniciado por mãe Donga da *Òsùn*, herdou o *Sàngó* do Povo da sua mãe de santo. As ferramentas desta divindade eram feitas de pau Brasil. Depois da sua casa, o *Sàngó* do Povo foi para a casa da Chininha de

Ṣàngó Omi (Emília Alves Ferreira) na rua Pedro Ivo, n. 186, indo após para a casa da *iyá* Rosaria de *Ṣàngó Agodo Toyó*, falecida em 1979 [...] Este *Ṣàngó* do povo pertence apenas a família do *Bàbá* Antoninho. Na época era costume na data de 21 de junho promover uma festa de 32 dias quando vestiam e paramentavam os *òrìṣà* mais antigos da casa, recolhiam estes *òrìṣà* e voltavam vestidos e paramentados [...]

Antoninho da *Òṣùn* veio de Pernambuco, e teve uma filha chamada Fifita, sem a data e local confirmados [...]. É costume de fazer uma segurança no meio do salão para *Ṣàngó*, chamado de oriaxé, que mantinha força da casa [...]

Márcio herdou alguns santos (*Ṣàngó,* que foi feito para a casa), *Odé*, *Otim, Ibeji, Obá* e os búzios da sua mãe Doralice - Mãe Dora de *Òòṣàálá biyi efan*, entre eles um *Òrìṣà* que está na família por 3 gerações. Ele era de uma filha de santo do vô Antoninho. Ficou na casa de minha avó e depois de muitos anos foi entregue para minha mãe jogados e orientados por Mãe Vera de *Òsanyìn*, e Pai Antoninho Carlos de *Ṣàngó* [...]

Inha ou inhã, tambor num formato cônico que era tocado na festividade por alguns tamboreiros mais velhos. Esse tambor "comia", era nas cores do *òrìṣà Ṣàngó*, tradicionalmente era usado no ritual do *Ṣàngó* do Povo, e nos lados que o cultuam, sendo no *Òyó* e mais tarde no *Jeje.* " [Marcio Goulart Oxalá]

Devido à informação que Antoninho veio de Pernambuco, buscamos pela internet obter mais informações sobre alguma casa antiga que tivesse alguma ligação com o sul. Encontramos apenas uma casa recente de raiz *Kanbina*, o Ilê Oxum Ademum Raçanã que existe em Recife por apenas oito anos, dirigida pela *ìyálòrìṣà* Daniela, iniciada em 1995, pela *ìyálòrìsà* Eva de *Timboá* da cidade Alvorada.

Outro depoimento importante sobre *Gululu* vem da informação da *Ìyá* Vera de *Òsanyìn* (informação pessoal) cidade de Viamão, tradição *Òyó*, 71 anos, que vivenciou a religião desde muito pequena, se aprontando aos 18 anos:

"Pai Antoninho era diferente dos demais sacerdotes da época, que se destacavam pela sua etnia africana. Pai Antoninho seria o primeiro sacerdote branco da época, criado por escravos, nasceu em 1899, faleceu em 1932 aos 33 anos, Pai Antoninho foi iniciado para *Òsùn*, comemoravam todo dia 18 de outubro a festa da *Òsùn*, morou no Bairro Montserrat, rua Lucas de Oliveira.

Sàngó do Povo é um *òrìsà*, existia um único assentamento que protegia toda a comunidade religiosa de *Òyó*. Pai Antoninho herdou de Mãe Donga que, quando morreu, deixou com a mãe Rosário de *Sàngó,* passando após a sua morte para mãe Luiza de *Ògún*. Este *Sàngó* deveria ficar comigo, porém, eu não estava preparada por que trabalhava e não tinha como me dedicar para a religião, por isso, perdeu-se o contato de com quem estaria este *Sàngó* do Povo. O *Sàngó* do Povo, ficava numa casa igual à do *Bara Lode*, no pátio do templo, meio distante da frente. "

KAMUKA DA TRADIÇÃO *KANBINA* E O *ṢÀNGÓ* DO POVO DA TRADIÇÃO *ÒYỌ́* DO BATUQUE DO R.S.

Coletamos no site Xangô Sol, informações sobre *Ṣàngó Aganju* do povo, que provavelmente tenha alguma semelhança à tradição do pátio *Aganju* no Palácio do *Aláààfin*, em *Òyọ́*, Nigéria. Referente ao *Irúnmọlẹ̀* que acompanha o *Ṣàngó* do povo na tradição *Òyọ́* e *Jeje* do Batuque, poderão ser as divindades (*Bara*, *Ògún* e *Oya*) de *Ojúbọ́* que ficam na frente dos templos.

> Nas aldeias africanas os assentamentos de Orixás eram feitos para servir uma comunidade inteira, até mesmo uma cidade, e toda população se dedicavam aquele Orixá cultuado na região, os assentamentos, os rituais, as obrigações ficavam de uma geração para outra, têm lugares que ainda hoje, conservam assentamentos de Orixás com quatrocentos anos ou mais, [...] foi esta tradição que deu origem ao *Ṣàngó Aganjú* do Povo. As tradições deste ritual foram passadas à *Ìyá* Donga, e não é apenas um *Okutá* de *Ṣàngó*, é sim um conjunto de Orixás (*Irúnmọlẹ̀*), que foram preparados para

servir a comunidade inteira daquela família religiosa de tradição *Òyó* da bacia de *Ìyá* Donga de *Òsún*, e ser passado pelas gerações vindouras. E assim aconteceu, os assentamentos após passar por vários terreiros de *Òyó*, hoje estão nas mãos de uma descendente direta da *Ìyá* Donga, a *Ìyá* Nélia de Ossãe, que humildemente tem a guarda destes assentamentos em seu terreiro.

Antigamente era escolhido um Axogum (*Asògún*), ou seja, um homem que teria a função de fazer o sacrifício dos animais para este ritual, um deles foi o senhor Mário Lopes, que após um derrame passou o cargo ao Sr. Rolim de *Oxalá*, que morou na rua Lucas de Oliveira, e antes de falecer passou a responsabilidade para o sr. Jorge de *Xapanã*, após sua morte não se teve uma pessoa exclusivamente para fazer os sacrifícios para *Sàngó Aganjú* do Povo, hoje a responsabilidade da matança é da pessoa que tem a guarda dos assentamentos em seu terreiro, e a data da festa é sempre o dia vinte e dois de julho, que antigamente movimentava todo o povo de santo de Porto Alegre e arredores. [Site Xangô Sol]

E segundo o informante *Bàbá* Raul de *Ṣàngó*, tradição *Kanbina*, "*Gululu* foi um africano que iniciou o Waldemar".

ÀMÀLÀ DO BATUQUE

A comida de *Ṣàngó*, chamada *Àmàlà*, deve ser a mais popular entre todas as religiões, que dificilmente foge do "Quiabo", refogado com carne de peito, camarão ou espinhela de carneiro, deste cozido retira um pouco da agua preparar um pirão que é servido em uma Gamela de madeira.

Segundo Correa (1992, p. 50) "[...] o Batuque manteve-se graças à estrutura sólida do modelo Jeje-nagô, e aí supõe-se o ingresso de não-sudaneses [...], entretanto, este ingresso não resultou, ao que tudo indica, em grandes influências "banto no ritual".

Há uma dúvida se o culto a *Kamuka* poderia estar ligado ao *Aláààfin Baru*[35], e possivelmente relacionado aos rituais dos ancestrais (*Eégún*). E durante o *Arissum* e ou a chamada Missa dos *Eégún*, *Kamuka* é a principal divindade invocada para ministrar os ritos fúnebres no *Ilé-ibó-akú*, porem isso ocorre em sintonia com o *Arissum*, não que ele seja um *Eégún*, participando do ritual. Saiba o que a Mãe Beata nos informa sobre Baru;

> "Existe uma qualidade de Xangô, chamada *Baru*, que não pode comer quiabo. Ele era muito brigão. Só vivia em atrito com os outros. Ele é que era o valente. Quem resolvia tudo era ele. Xangô Baru era muito destemido, mas, quando ele comia quiabo, que ele gostava muito, lhe dava muita lombeira. Dormia o tempo todo! E por isso perdeu muitas contendas, pois

35 *Baru* - Na África o culto a este *Aláààfin* está cercado de tabus, pois durante seu reinado cometeu muitas atrocidades, motivo pelo qual os africanos não o raspam nem assentam. Não fazia prisioneiros, matava todos, incendiou seu reinado e possuía um temperamento incontrolável, é conhecido como o *Ṣàngó Baru* (dono do buraco, um quadrado no chão como *Ilé-ìbó-akú)*, justo por ter sumido num buraco na terra. Está ligado diretamente à *Eégún* e ancestrais, conhecido na cultura Afrosul como *Kamuka,* conforme reza a mitologia afro-brasileira na diáspora Afrosul.

quando ele acordava seus adversários já tinham voltado da guerra. Ele ficava indignado. Então, resolveu consultar um oluô, que lhe disse:

- Se é assim, deixar de comer quiabo.
- Eu deixaria de comer o que eu mais gosto? – Respondeu Xangô Baru.
- Então, fique por sua conta. Não me incomode mais! Será que a gula vai vencê-lo?
- Perguntou o Oluô.
Xangô Baru foi para casa e pensou:
Eu não vou me deixar vencer pela boca. Vou lá e perguntar a ele
o que eu faço, pois, o quiabo é meu prato predileto.
E saiu no caminho da casa do Oluô, que já sabia que ele voltaria. Lá chegando, disse:
- Aqui estou. Me diz o que eu vou comer no lugar do quiabo.
- Aqui neste mocó tem o que você tem que comer. São estas folhas. Você temperando como quiabo, mata sua fome – lhe mostrou o Oluô.

- Folha?! – Perguntou Xangô Baru.

- Sim – respondeu o Oluô. – Tem duas qualidades, uma se chama Oyó e outra Xanã. São tão boas e gostosas quanto o quiabo.

Xangô Baru foi para casa e preparou o refogado, e fez um angu de farinha e comeu. Gostou tanto, e se sentiu tão bem e tão fortalecido, e não teve mais aquele sono profundo. Aliás, ele se sentiu bem mais fortalecido, e não teve mais aquele sono profundo. Aliás, ele se sentiu bem mais jovem e com mais força. Aí ele disse:

- A partir de hoje, eu não como mais quiabo.

- Daí sua quizila com o mesmo, é como eu disse no começo: "Todo caso é um caso". Esse caso me foi contado pelas minhas mais velhas, agora, quem quiser dar quiabo a Baru, que dê! (Beata, p.107 à 108)





Figura 25

Óyó – Nomes populares: cauru-da-bahia, junta-azul; Nome cientifico: *Corchorus Olítorius L. Tilacce* Orixá: Xangô; Elementos: fogo/masculino. De possível origem africana, esta planta ocorre no Brasil, medrando de preferência em terrenos úmidos e sombreados.

(Barros, p. 308)



Figura 26

Outra referência sobre o *Àmàlà* de *Ṣàngó*, a receita é publicada por Gisele *Omindarewá*, dizendo que "a comida de Xangô Baru é diferente, porque Baru não aceita quiabos; seu *Àmàlà* é feito com língua-de-vaca. (*Chaptalia intergrifolia, compositae*).

(Cossard, p. 107)

Notem que tanto *Kamuka* quanto o *Ṣàngó* do Povo possuem alguma semelhança em seus rituais e local de adoração.

Ṣàngó Ká Mú Káà é um *òrìṣà òde*, isto é, um *òrìṣà* do lado de fora, no jardim ou lado externo. A casinha do *Kamuka* fica no pátio. (Lembrando que a palavra *Òde* não deve ser confundido com o *Bara Olóòde.)*

Na sequência veremos que o assentamento de um *Ṣàngó Òde* também existe nas terras iorubas, em África.



OJÚBO SÀNGÓ OTA ÒDE

Um *ojúbo Sàngó* para a comunidade.

Ojúbo é um local de adoração coletiva. Nesta imagem vemos a sacerdotisa Ejire, que postou algumas fotos em seu facebook cultuando um *ojúbo* de *Sàngó* no pátio, que achamos muito conveniente registrar para este trabalho.

Sacerdotisa Ejire de Lagos, Nigéria, preparando um sacrifício para o *ojúbo Ota-Òde*[36].



Figura 27

https://www.facebook.com/ejire.olorisa

[36] *Ota-Òde* – *Ota* – abreviatura de pedra sacraliza pertencente a uma divindade; *Òde* (ôde) externo. Um assentamento de externo de *Sàngó*. Não confundir com *ode* (ódé), caçador.



Figura 28

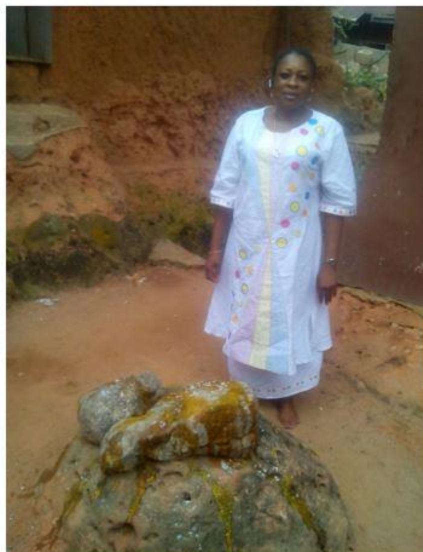


Figura 29

No templo de *Obàtálá*, em *Ilé-Ifè* vemos também o mesmo conceito de *Òrìṣà Olóòde*, na figura de *Ìyálòde*, divindade feminina cultuada em ocasiões especiais, na frente do templo



Figura 30 Foto: Religião *Obàtálá* Orisanla no Brasil, Facebook, acessado em 27/09/2015. Disponível em:https://www.facebook.com/religiaoobatalaorisanlanobrasil/photos/a.1630518787232267.1073741828.1629161034034709/1630848890532590/

O *LEGBA* E A *ZINA* NA *KANBINA*

Entre os mitos e lendas que constantemente encontramos no Batuque, principalmente na tradição *Kanbina*, o *Legba* e a *Zina*, talvez sejam dos que mais criaram polemicas, que por muito tempo foi considerado um demônio, cultuado na *Kanbina*, para defesa e maldades, no entanto, fomos buscar depoimentos sobre esta divindade e chegamos a um belo depoimento coletado pelo sacerdote Celso de Xapanã:

> "As divindades *Legba* e da *Zina* foram dados para a Palmira, no momento ao qual o povo da *Kanbina* estava sofrendo com muitos feitiços, e vieram pelas mãos da *Ìyá* Ondina do Xapanã (tradição *Jeje*), que recebeu do próprio Custódio de Xapanã.



Figura 31 – Ondina de Xapanã, imagem gentilmente fornecida por Antonio C. Pereira

Ainda sabemos que o *Lode* foi dado para a Palmira, através dos Manezinho do Xapanã; o Romário foi quem ajudou financeiramente a Palmira para que recebesse pudesse sentar o *Legba, Zina* e *Lode*. Os anjos foram introduzidos através do Nascimento de Xapanã. "

[Comunicação pessoal de Glaci de *Òsún*, filha do zé da saia, 82 anos de idade, 65 anos de pronta, vive em Porto Alegre, *apudi*, Celso de Xapanã]

BUSCANDO *KÀMBÍNA* NA GEOGRAFIA *YORÙBÁ*

A cidade yorùbá *ÀBÍNA.*

Desejamos apresentar uma cidade *Yorùbá Àbína* e um mapa do palácio de *Òyó*. *A cidade Abina está localizada em Òyó, na Nigéria e suas coordenadas geográficas são latitude: 8,0167°N e longitude: 4,3333°E. A moeda local de Abina é Naira (NGN).*

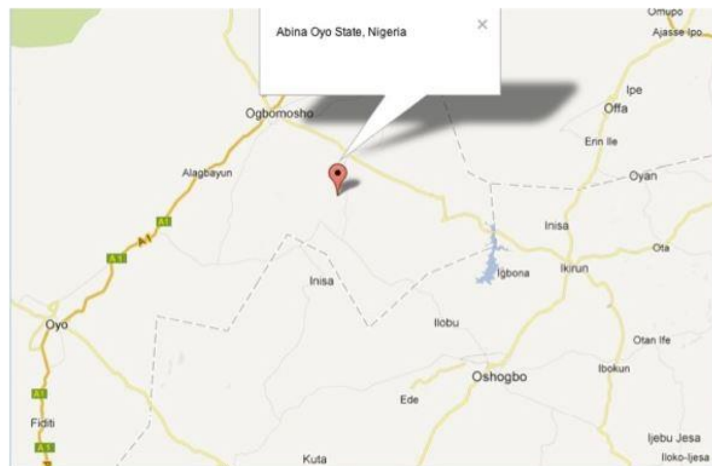

Abina Oyo State, Nigeria
Omupo
Ajasse Ipo
Ipe
Offa
Ogbomosho
Erin Ile
Oyan
Alagbayun
A1
Inisa
Ota
Igbona
Ikirun
Inisa
Oyo
Ilobu
Otan Ile
Oshogbo
Ibokun
Ede
Fiditi
Ijebu Jesa
Iloko-Ijesa
Kuta

Figura 32

A entronização do *Aláàfin* e sua conservação: a raiz *Kanbina* do R.S. - Erick wolff∞



	Higher level places	Name variants	Place type	Place time period	Standard text	Culture	Iso code	Geo code	Indentification number
What You Searched For									
Abina	Oyo Nigeria World	abina	**Type:** Populated Place **Code:** PPL **FC:** P		Abina	Africa	NG-OY	8.0166667 N 4.3333333 E	3787692
Other places found in Abina: 0									

Figura 33

Não é possível afirmar que este ou aquele é o caminho certo e único. No entanto, podemos observar o nosso culto, nossa comunidade e nossos rituais nos levam à cultura *Yorùbá* e seus costumes, por exemplo, o nome dos *Káà (lugar) e kòbi* (quartos) do palácio de *Òyó*.

Os quartos do palácio de *Òyó* eram conhecidos por *Káà*, (ver figura 18), uma das possibilidades de origem do nome *Kanbina,* que, baseia-se nos rituais, divindades e conceitos *Yorùbá*, e, por possuir grande vínculo com o *Aláààfin e os rituais Yorùbá, que nos chamou atenção.*

> [...] O portão principal do palácio dá acesso ao mais largo dos pátios conhecido como *Aganjú*. Usado principalmente para assembleias com todo o povo da cidade, o *Aganjú* espalha-se aproximadamente sobre 3.5 acres. Nele há os templos de três *Òrìsà: Sàngó, Òrìsàfunfun* e a divindade para todas as coisas [...] (Ojo, p. 48)



(página da foto: 47)

Figura 34

Por isso, existe a possibilidade do nome *Kanbina* ser a aglutinação das palavras *Káà+Ábìna = Káàabina.* Naturalmente que são apenas sugestões. Porém diante de tantas informações que nos levam ao *Alafinato*, esta possibilidade mostra-se um caminho.

PARQUE NACIONAL *KAMUKU*

Um dado geográfico que vai de encontro ao propósito deste texto, é o Parque Nacional *Kamuka* (também chamado de *Kamuku*) ao norte de *Old Òyó*, como podemos ver nas imagens a seguir.

Alguns alegam que o parque *Kamuku* está fora da área geográfica dos *Yorùbá*. Refutamos, porém, a crítica pois não tem em mãos um mapa antigo, tomando por base mapas contemporâneos que certamente não refletem uma situação histórica de trezentos anos passados.



Figura - 35 (Williams, 1998, p. 292)

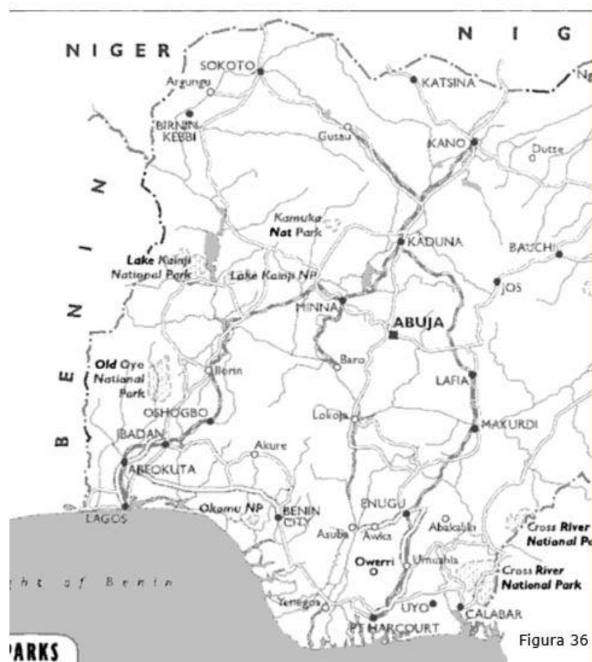


Figura 36 - (Williams, 1998, p. 292)

Williams assim o descreve:

> [...] Parque Nacional *Kamuka*, 125km a oeste de *Kaduna*, próximo da cidade Birnin Gwari. O portão do parque é 23km ao sul saindo da rodovia Lagos-*Kaduna*, próximo de Dagara. Kamuka cobre uma área de 1.121m² de bosque e pântanos, e foi noticiada como um parque nacional em 1999, a partir de uma área florestal, recebendo o nome de um grupo étnico local. [...]

Yakan (1999, p. 396) informa que:

> [...] Os *Kamuku* são povos do Oeste Africano. Eles estão concentrados, na área central oeste da Nigéria, particularmente no estado de *Kwara*". Também Bascom (1991, p. 3) escrevendo sobre a Divinação de *Ifá*, acrescenta que "Os *Kamuku* são povos vizinhos, na província *Niger*, norte da Nigéria. Entre os *Kamuku*, para se prever o futuro, ervilhas são chacoalhadas dentro de uma carapaça de tartaruga, e colhidas com a mão

direita ou esquerda. Elas são contadas, e de acordo com a quantidade colhida, marcas são feitas no solo. Este processo é repetido oito vezes.

Um hotel nigeriano próximo à região do Parque Nacional *Kamuka*, mantém um portal na internet, onde se vê clara citação a este parque nigeriano, como um dos pontos turísticos. Vejamos:



Figura 37 - www.hamdalahotelkad.com/kad-%20turist%20guide.html

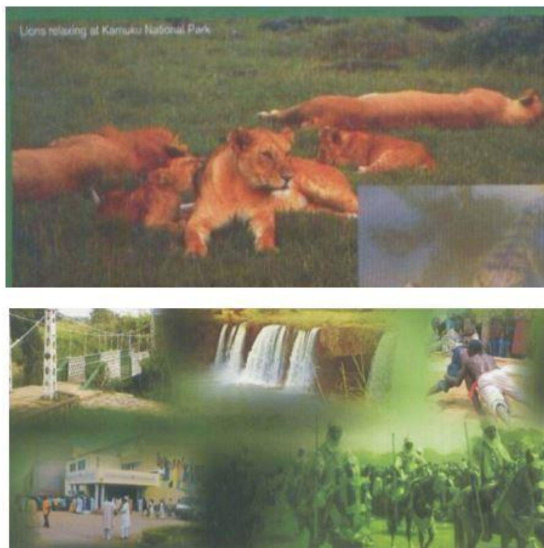


Figura 38 - Matsirga Cataratas

ANTIGO ÒYÓ



Imagem Internet. Acessado em 07/11/2015

Fonte: http://www.alaafin-oyo.org/main/images/stories/allafin-pics/pix-007.jpg

Figura 39

Este é o local do *Òyó* antigo, o qual devemos considerar o verdadeiro *Òyó* dos mitos, que é próximo do rio Níger, e da região do parque *Kamuku*. Para ilustrar a riquesa do antigo *Òyó*, transcrevemos a viagem de estudo ao Antigo *Òyó*, publicado em 01 de julho de 2013



Imagem Internet: Figura 40 - http://nigeriaworld.com/columnist/offoaro/images/IMG_2839.JPG

Por Toja Okoh
24 de março de 2007 (Ibadan)

[...] Old Òyó, foi a antiga sede do Império Òyó, que remonta ao século 14. Eu vi as ruínas de paredes e motes que cercam a cidade antiga, nós entramos em cavernas, num velho e antigo reservatorio seco, e subimos grandes pedregulhos. As ruínas não eram tão espetacular quanto eu imaginava que eles seriam. Prof. explicou o grau de deterioração os sitios arqueologicos, têm se deteriorado ao longo de várias centenas de anos. Foi, em parte devido ao ambiente tropical, mas foi também devido à falta de apoio do governo para conservar o local. É um problema atual na Nigéria. Muitos dos nossos patrimônios culturais estão sofrendo perigo de se perderem para sempre, devido a uma falta de compromisso, e vai por parte do governo para investir em conservação. O público nigeriano é em grande parte desconhece essa herança [...]



Imagem Internet: https://elohorfindsmore.wordpress.com/2013/07/01/field-trip-to-old-oyo

Figura 41 – Placa da entrada do Antigo *Òyó*

UMA BREVE HISTÓRIA DO ANTIGO IMPÉRIO *ÒYÓ*.

"O antigo Império *Òyó,* foi um dos primeiros e, provavelmente, a maior corrida independente na África ocidental, ao sul do equador. No auge de sua existência, o antigo Império *Òyó* dominando todos os reinos *Yorùbá*, ou seja, *Ife, Ijesha, Egba, Ijebu, Sabe* e *Owu*. A área ocupada pelo reino *Yorùbá* no Sudoeste da Nigéria, está mais ou menos fechado por latitude 5 e 8 graus ao norte do equaror e Longitude 5 e 21/2 grau leste. Existem duas versões para a origem da migração corrida Yoruba e aboriginalidade. Estas duas teorias podem não ser necessariamente contraditórias no sentido de que a nossa tradição oral foi transmitida a nós por puramente não-nativos

Mas este é um fenômeno universal, porque se você perceber que de uma só vez na história, você tem os brancos na África do Sul, o Oriente e Rodésia do Sul, todos vivendo juntos com base na co-existência longa. A mesma experiência também é gravada no caso de migração, uma vez que existem evidências históricas e empíricas documentadas na famosa série de palestras Lugard, assim como nas pesquisas de

Saburi Biobaku, (o aclamado historiador mundo) que a raça *Yorùbá* é grande e de largura, que é hoje permanece como o maior e mais forte império nunca, no continente africano.

O reinado de *Oranyan* marcou uma nova fase na história *Yorùbá* como ele testemunhou a transferência do poder político executivo de *Ilè-Ifè* de *Òyó*, e, posteriormente, *Òyó* se tornou a sede política da raça *Yorùbá*, e é a *Aláààfin* daí que o *Aláààfin* preside.

De acordo com estudos históricos, o palácio *Òyó* está estimado em cerca de 640 hectares. E ainda possuem escavações do antigo império de *Òyó*, e séculos depois, algumas das paredes da Capital do antigo império de *Òyó*, ainda estão de pé na sua forma original. Isso é um grande testemunho da engenhosidade arquitetônica da raça *Yorùbá*.

O antigo Império ioruba se destacado no mundo, com três modelos muito distintas e únicas. Primeiro, ele evoluiu de uma constituição maravilhosamente desenvolvido, embora não escrita. O homem médio *Yorùbá* é regido por uma forte convenção. Em segundo lugar, os *Yorùbá* desenvolveram um sistema militar que permitiu, em seguida, para desenvolver armamento. Os *Yorùbá* são os primeiros a smith de ferro e, portanto, eles construíram fundições, eles também produziram alfaias agrícolas para aumentar a produção de alimentos. Em terceiro lugar, a corrida *Yorùbá*, desenvolveram um método muito prático da administração, através da adopção do sistema de gabinete da governança, você deve ter estudado a evolução da Constituição britânica, então você saberá que o sistema de gabinete surgiu na Grã-Bretanha apenas como uma questão de conveniência temporais, não foi por design, então, tanto para trás como o século 16, o antigo Império *Ọ̀yọ́* desenvolveu o sistema de gabinete do governo. E do Primeiro-Ministro, ao *Aláàáfin*, e os vários chefes de divisão, todos os níveis têm vários daqueles papéis e responsabilidades claramente enunciados e adere a com separação de poderes, e insumos para freios e contrapesos.

A estrutura de comando militar é tão único que o Aare Ona Kankanfo como o generalíssimo do exército levou os senhores da guerra *Òyó* com sucesso para muitas batalhas entre o século 13 e 16, que preservou a integridade territorial da raça *Yorùbá*, e durante este tempo, *Òyó* estendeu seu limites territoriais para Nupe, Dahomey, Abome, Weme, e outras partes do Togo terra, e hoje, essas pessoas são off-shots do grande reino iorubá."

http://www.alaafin-oyo.org/main/the-oyo-empire/history/a-brief-history-of-the-old-oyo-empire

http://pt.wikipedia.org/wiki/Imp%C3%A9rio_de_Oyo



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve o objetivo de demonstrar que raiz *Kanbina*, por seus rituais está muito mais relacionada com os *Yorùbá*, do que com os *Banto*. Vimos na construção do *Ilé Kamuka* uma possível sobrevivência do *kòbì do Palácio do Aláààfin.*

Ao citarmos *Òyó*, *Nigéria*, o berço dos *Aláààfin,* não estamos afirmando que a raiz afro-brasileira *Òyó* praticada no Batuque seja uma representante fiel daquele Estado da Nigéria, não.

Devido ao foco direcionado deste texto, pode o leitor ser induzido a pensar que a *Kanbina* é um culto de *Eégún*.... Não, não é. A raiz *Kanbina* é voltada ao culto de *Òrìsà* assim como as outras nações, mas tem um ritual de *Eégún* diferenciado, que a caracteriza das demais, cujos ritos demonstram uma sobrevivência do *Alafinato Yorùbá*.

Vimos que, ao estudar os ritos da raiz *Kanbina*, fizemos um paralelo entre os costumes *Yorùbá* para entronização do *Aláààfin*, e o culto de *Kamuka*, rei desta raiz, no Batuque do Rio Grande do Sul.

Apresentamos a definição de *Aláààfin,* e como ele é escolhido, mostrando os costumes *Yorùbá* com relação aos sacrifícios humanos, e a proteção a *Eègún*, na sua coroação.

Observamos na cultura *Yorùbá,* os pontos que a ligam à raiz *Kanbina*, encontramos informações que vão além de coincidências, existindo muitas evidências que nos levam a crer que as origens desta raiz, estão ligadas ao *Alafinato*.

Mostramos que a palavra ioruba *kọ̀bì* refere-se a uma entrada particular do *Aláààfin*, com ilustração de várias imagens do palácio, *kọ̀bì* e o próprio *Aláààfin*. O *kọ̀bì* é uma extensão do próprio palácio real de Ọ̀yọ́, cujo costume pode ter sobrevivido nos rituais da raiz *Kanbina*, no R.S., que possui um assentamento exterior, em separado,

de *Ṣàngó Baru* (*Kamuka*), conforme citado pelo nosso informante *Bàbá* Raul Dornelles, provando a sua existência passado por uma das matriarcas da *Kanbina*.

Ainda, tivemos oportunidade de encontrar mais descendentes que testemunharam a existência do *Kamuka* em sua família, porém, não tiveram oportunidade de tê-lo sento. E não ignorando a existência de uma sacerdotisa da raiz *Jeje*, que possui o *Kamuka* sento na frente do seu templo. Sendo que em momento algum tentamos plantar qualquer informação para justificar qualquer fundamento que possamos ter encontrado ou que seja praticado por nós. Assim, a expressão *Nàgó Kọ̀bì*, é um *oríkì*, um nome de louvor, forma carinhosa de se louvar a raiz *Kanbina*.

Nesta revisão acrescentamos informações sobre *Gululu* e o vínculo com a tradição *Ọ̀yọ́* do Batuque do R.S., as semelhanças e possível origem de *Kamuka* e o *Ṣàngó* do Povo em seus rituais e costume, onde do pátio (jardim) observa a comunidade. Trouxemos ainda um pequeno texto sobre o *Legba* e a sua origem.

E finalmente o texto esclarece que no *Ìgbàlè,* não vai *Òkúta,* pois não segue o costume da matriz *Yorùbá,* por isso, precisamos conceituar e esclarecer também que não se cultua *òrisà* no *Ìgbàlè,* nem mesmo há possibilidade de *òrisà* virar *Eégún.*

Entendemos que no *Ìgbàlè*, se encontra Waldemar, sendo cultuado como ancestral, ao contrário do que se pensava que seria o *Sàngó Kamuka*, que estaria no *Ìgbàlè.*

Concluímos com a visão de que, a raiz *Kanbina*, do Batuque afro-sul, nada tem de *banto*, antes, trazem em seus rituais, reminiscências do *Alafinato*, e sobrevivências de antigos rituais nagô, dos *Yorùbá*.



BIBLIOGRAFIA

ABRAHAM, R.C. Dictionary of Modern Yoruba, Hodder and Stoughton, London, 1962 [1946].

BEATA, Mãe. *Caroço de Dendê, A Sabedoria dos Terreiros, como ialorixás e babalorixás passam conhecimento a seus filhos*, Pallas, 2008.

BARROS, José Flavio Pessoa, Eduardo Napoleão, *Ewé Òrìṣà Uso Litúrgico e Terapêutico dos Vegetais nas Casas de candomblé Jêje-Nagô*, Bertran Brasil,2013.

BASCOM, William. *Ifa Divination, communication between gods and men in west Africa*, Indiana University Press, Indiana, 1991 [1669].

BEM, Daniel Francisco. *Tecendo o axé: uma abordagem antropológica da atual transnacionalização afro-religiosa nos países do Cone Sul*. Universidade Federal do

Rio Grande do Sul Instituto de Filosofia e Ciências Humanas Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Orientador. Prof. Dr. Ari Pedro Oro, 2012.

BENISTE, José. *Dicionário Yorubá Português*, Bertrand Brasil, 2009.

BOREL, Walter Calixto Ferreira. Agô-iê, vamos falar de Orishas?, Renascença, 1997.

CORRÊA, Norton F., *O Batuque do Rio Grande do Sul*, Antropologia de uma Religião Afro-rio-grandense, 1992.

COSSARD, Gisele Omindarewá. *Awô, o Mistério dos Orixás*, Pallas, 2008.

JOHSON, Samuel. *The History of de Yoruba*, *Routledge & Kegan paul Ltda, London*, 1973 [1921].

LAYTANO, Dante de. *A Igreja e os Orixás*, Comissão Gaúcha de Folclore, Porto Alegre, 1958.

MARINI, Bolívar Schlottfeldt. *A Nação Oyó em Alegrete, uma Etnografia do Batuque Oyó*, 2012.

MARINS, Luiz L. *Obàtálá e a Criação do Mundo Iorubá*, Edicão do Autor, 2013.

OJO, Afolabi. *Yoruba Palaces, A Study of Afins of Yorubaland. London, University of London Press*, 1966.

PRANDI, Jose Reginaldo. "*De Africano a Afro-brasileiro*". *Revista USP*, n. 46, p. 52-65, São Paulo, Julho-Agosto 2000.

LEISTNER, Rodrigo Marques. *Os Outsiders do Além: Um Estudo Sobre a Quimbanda e Outras "Feitiçarias" Afro-Gaúchas*. Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Doutorado, São Leopoldo, 2014.

SANTOS, Juana Elbein. *Os Nàgó e a Morte*, Petrópolis, Vozes, 1976.

TADEU, Paulo Ferreira. *Os Fundamentos Religiosos da Nação dos Orixás*, 1994, 2 edição, Editora Toqui, R.S.

______*Quem é o Orixá Xangô Kamucá da Nação Religiosa de Cabinda?* , Editora Tokí, 2008.

WILLIANS, Lizzie. Nigeria, New York, The Globe Pequot Press, 2008 [2005].

YAKAN, Muhammad Zuhdi. Almanac of African Peoples & Nations, Transaction Publisher, New Jersey, 1999.

INFORMANTES

Antônio Carlos.
Alágbè Antonio Carlos de *Ṣàngó*, nasceu em 1947, iniciado por *Bàbá* Tati do *Bara*, Batuque do R.S., raiz *Kanbina,* reside em Viamão R.S.

Eduardo Brasil

Tata Matâmoride, iniciado quando 23 de julho de 1976, por *Kaobakessy*, *Ilé Alaketu Ijoba àse Ayra*. Candomblé Angola, Nação *Bantu,* reside em São Paulo.

- Conselheiro do CONPAZ - Conselho de Cultura de Paz da Assembleia Legislativa de São Paulo;
- Secretário do CONER/SP - Conselho de Educação Religiosa do Estado de São Paulo;
- Vice-Presidente do FOESP - Fórum de Sacerdotes e Sacerdotisas de Matriz Afro Brasileira;
- Presidente do INDRAB - Instituto Nacional de Defesa da Matriz Afro Brasileira;
- Presidente do ITC - Instituto Terceiro Corpo em Defesa da Saúde Natural;
- Conselheiro do CPDCN - Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra;
- Conselheiro do Comité Inter-religioso da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República;
- Conselheiro do Comité Inter-religioso da Secretaria de Estado da Justiça e Cidadania de SP;

- Conselheiro do Fórum de Diversidade Religiosa da Secretaria Municipal de Igualdade Racial de São Paulo;
- Suplente do 1º Conselho de Cultura afro do Ministério da Cultura 2012 – 2014.

Celso de *Xapanã*

- *Bàbálòrisà* Celso de *Xapanã,* iniciado por Henrique da *Òsún* em 1989*, Batuque do R.S., raiz Kanbina,* reside em Viamão (R.S.).
  Perfil Facebook - https://www.facebook.com/PAICELSOXAPANA

Denis

- *Bàbálòrisà* Denis Odé, Iniciado em junho de 1996 pela *Ìyálòrisà* Isabel de Oxalá, apronte feito em 23 de abril de 1999 pelo *Bàbálòrisà* Clovis de *Aganju*. Atualmente filho de Antônio Carlos de *Sàngó*, Batuque do R.S., nação Cabinda, reside em Porto Alegre. Nome da Casa de Santo - Ylê de *Odé* e *Òsún*.
  Graduado em História pela ULBRA Canoas (2006), Pós-Graduado pela Unisinos 2008 em História Do Rio Grande do Sul.

Ejire

- *Ìyálòriṣà* Ejire, Lagos, Nigéria, Idiomas Língua haúça, Língua inglesa, Língua *Yorùbá*. Sacerdotisa de *Òriṣà*
  https://www.facebook.com/ejire.olorisa

Elias de Oxalá

- Iniciado em 1972 por Cleon de Oxalá, em 2007 migrou para a família do *Bàbá* Enio de Oxum Pandá Miuá, Batuque do R.S., raiz *Kanbina*, reside em Porto Alegre R.S.

João Felix

- Bàbálòriṣà João Felix de *Ògún*, pertence ao Batuque do R.S., reside em Porto Alegre.
  Perfil Facebook –
  htts://www.facebook.com/profile.php?id=100008301451548&fref=ts

Marcio Goulart dos Santos

- Bolaji Marcio de *Òòsàálá*, iniciado em 8/12/1995, por Dora de *Òòsàálá*, neta de Antoninho da *Òsùn* herdeiro do templo *Ilé àse òrìsà Omi*, Batuque do R.S., raiz *Òyó*, reside em Gravataí, Porto Alegre.

Mauro

- *Bàbá* Mauro de *Òsún,* iniciado em 1977, por Clovis de *Sàngó Agodo,* conhecido como Pantera (Pelotas), neto do *Bàbá* João Carlos do *Òòsàálá*, Batuque do R.S., *raiz Kanbina,* reside em Bagé.

Raul Dornelles Vargas

- *Bàbálòrìsà* Raul de *Sàngó*, iniciado por Mãe Moça em 1958, depois foi para a mão da *Ìyá* Otilia Rocha Montiel de *Òsùn*, e finalmente foi para a mão do *Bàbá* Henrique de *Òsùn,* Batuque do R.S., reside em Porto Alegre.

Paula Gomes

- Embaixadora da Cultura do *Aláààfin* de *Ọ̀yọ́*, uma pessoa de confiança entre os *Yorùbá*, que apoia a preservação do antigo patrimônio cultural e tangível e intangível dos *Yorùbá*, Unida com o *Aláààfin* de *Ọ̀yọ́*, *Ọba* (DR.) Olayiwola Adeyemi III, JP., CFR., LLD para preservar o património *Ọ̀yọ́*. A Fundação tem a sua sede em *Ọ̀yọ́ Aláààfin* Palace, *Ọ̀yọ́*, estado de *Ọ̀yọ́*, na Nigéria. http://www.paulagomesfoundation.com/

Vera

- *Ìyálòrìṣà* Vera de *Òsanyin*, nasceu em 1944, se aprontou aos 18 anos, em 1962, pelas mãos da *Ìyálòrìṣà* Chininha de *Òòṣààlá*, Batuque do R.S., tradição *Ọ̀yọ́*, reside em Viamão R.S.

FONTES VIRTUAIS:

Antônio Carlos Pereira - https://www.facebook.com/tonhoconstrucap

Blog Danças Folclóricas, publicado em Terça-Feira, 29 de março de 2011 - http://dancasfolcloricas.blogspot.com.br/2011/03/cambindas.html

Projeto Okutá, entrevista com o *Bàbá* Cesar *Ṣàngó Kamuka*, publicado em 30 de outubro de 2012. Último acesso: 17/01/2016. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=Xb9HQZBSeQ4

Viagem de estudo ao Antigo *Ọ̀yọ́*, publicado em 01 de julho de 2013, por Toja Okoh https://elohorfindsmore.wordpress.com/2013/07/01/field-trip-to-old-oyo

Uma Breve História do Antigo Império *Ọ̀yọ́* http://www.alaafin-oyo.org/main/the-oyo-empire/history/a-brief-history-of-the-old-oyo-empire

SITES:

Ilê Axé Nagô Kóbi - http://iledeobokum.blogspot.com.br/2012/04/setilu.html
Ilê Oxum Ademum Raçanã - http://danieladeoxumademum.blogspot.com.br
Inzo Tumbansi - http://inzotumbansi.org/home/tradicao-do-nkisi/bankisi/
Manto de Oxalá http://mantodeoxala.blogspot.com.br
Portal do Candomblé http://www.portaldocandomble.pro.br
Xangô Sol http://www.xangosol.com/orixas.htm







ERRATA

Edição republicada em 10/02/2016 com inserção de texto à pg. 86. Por um erro de edição, o texto desta pg. não foi publicado na primeira versão, em 01/02/2016.